

# Stadium

Foto AMADEU FERRARI



Zarra, avançado-centro à maneira espanhola, forte, duro e acutilante, lembra o saudoso Monjardin! Neste lance, ele conseguiu saltar mais alto do que Manuel Marques e fazer a jogada. E' já na fase da reviravolta, e o 0-4 transformou-se ante a surpresa de todos em 4-4!

N.º 250

17 DE SETEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50



# O Estoril praticou jogo de qualidade mas foi suplantado pela energia do Benfica

Continua, infelizmente, a verificar-se futebol à margem das leis...

Crónica de TAVARES DA SILVA

Só amanhã com a efectivação do Sporting-Belenenses se completa a 2.ª jornada da Prova de Lisboa. Julgamos que a competição entrará no próximo domingo na sua normalidade. Bom é que assim seja, pois as provas precisam de regularidade para não perderem parte do seu interesse. Os adeptos estão acostumados a somar os pontos, e não gostam de estar à espera para completarem a tabela.

Na generalidade, pouco há a dizer. Parece confirmar-se a boa forma do Benfica, e mais ou menos quanto dissémos a respeito das outras equipas, notando-se, no entanto, acentuada melhoria no *team* do Estoril Praia — que deu um pulo.

Vamos a ver o que dará, como qualidade de jogo, o Sporting-Belenenses, pois a verdade é que os dois encontros já efetuados deixaram a desejar, neste capítulo.

O futebol do Benfica desenvolveu-se mais à base de genica do que de traçados. Os benfiquenses levaram tudo de vencida quando carregaram a fundo, empregando a energia como a sua melhor arma. Em contraste, o jogo do Estoril Praia caracterizou-se por maior frieza e mais desenhos.

...E aqui estamos mais uma vez a apelar para os jogadores, no sentido de que estes não vejam no adversário homens que é preciso liquidar. Um *team* deve ter orgulho em vencer, desde que o triunfo não seja alcançado à custa de recursos e atitudes à margem das leis desportivas. Se, no Campo Grande, se registaram algumas escaramuças, o que se passou em Marvila (não vimos, mas curamos pelo que todos unânimeamente afirmam) excedeu os limites. Não há meio de os jogadores se respeitarem uns aos outros. A luta aquece, e eles perdem a cabeça com a maior das facilidades. Quando se arrependem, se chega o arrependimento, já é tarde.

Resultados: Benfica 5-Estoril 2; Oriental 1-Atlético 1.

## Energia como base da superioridade do Benfica

Apresentando já o Estoril Praia a sua linha completa, o pleito do Campo Grande interessava. Todos os desafios são difíceis, e a escorregadela surge quando menos se espera... Deste modo, há que acautelar devidamente todos os encontros. O Benfica estava alerta!

O *Benfica* — alinhou com Rogério, Criqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Corona e Vítor Baptista.

*Estoril* — Sebastião, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

*Árbitro* — Joaquim Jesus Leal. Os visitantes começaram bem. Ou melhor, magnificamente! Não só por terem marcado uma bola nos primeiros lances, mas ainda pelo jogo desenvolvido, e bem ligado, do todo, mas principalmente dos médios com os avançados. Ainda na sequência das jogadas ordenadas por estes.

Notava-se claramente, no *team*, nesta primeira meia-hora, com os benfiquenses surpreendidos, o fio de ligação. Os jogadores do Estoril depositavam a bola no solo, e os interiores mexiam os cordelinhos, especialmente o esquerdo, que, desembaraçando-se com to-

ques de habilidade, do médio, seu guarda, despedia flechas — obrigando a defesa adversária a trabalhar a fundo.

O Benfica andou um tanto ou quanto à deriva, para, no quarto de hora seguinte, até o intervalo, à força de vontade e na energia do seu médio esquerdo, bem socundado por todos, encontrar a base suficiente para a demonstração da sua superioridade. Após o golo do médio — veio o da vitória. E o mais difícil já estava conseguido!

No segundo tempo, o Estoril, aturdido, havia cortado o fio do seu jogo, e o Benfica, sempre na mesma toada de energia, já senhor do triunfo, melhorava a qualidade do seu futebol, construindo então lances de conjunto a cami-

nho das balizas do adversário. Foi o melhor período da equipa benfiquense, que, regularmente, acumulou golos, para, no fim, jogar com tranquilidade.

## Jogo movimentado em Marvila

Em Marvila, as forças alinharam da seguinte maneira. *Oriental* — Fernando, Abana, Custódio, Isidoro, A. França, Cruz, Augusto, Abrantes, C. França, Vicente e Moura. *Atlético* — Ernesto, Baptista Castro, Pereira, Armando, Morais José Lopes, Rogério, Vital, Gregório e Caninhas.

*Árbitro* — Borques Leal.

O encontro foi muito movimentado. Neste capítulo, o pleito agradeu. Para ser desagradável noutros. Os adversários lutaram rija e bravamente, com a maior energia, nenhum deles se entregando; ambos reagindo, quando o vento soprava a favor da facção contrária. A bola não se fixou em um território, mas caminhou velocidade por ambos os campos, por entre o choque e a fúria dos contendores.

Em rectângulo relativamente pequeno, e com futebol caracteristicamente enérgico e áspero, está-se mesmo a ver que não abundaram os lances claros, de bom traçado e psses limpos, sem a bola encontrar o corpo do adversário — que é o que acontece, ao fazerem-se os triângulos colocando o adversário no meio.

Chega a parecer impossível como o Atlético não venceu. O Oriental, muito reduzido praticamente nas suas unidades (e com lesões de influência no futuro!) defendeu o seu golo solitário com unhas e dentes, tenazmente.

O Atlético buscou com afã o empate, e quando este chegou derivado de uma grande penalidade, forçada, no parecer geral da crítica, tinha feito o mais difícil. Não sabendo depois fazer o mais fácil... Certamente, nesta emergência, a sorte não esteve também pelo seu lado.

Continua a verificar-se no Atlético, a falta de uma linha média que seja capaz de orientar o jogo. A dianteira ressentente-se do facto.

*Nota* — Os nossos comentários da semana passada provocaram duas reacções. Uma, de um leitor, adepto do Atlético, que afirma não termos o direito de achar de mau gosto a nova equipa do atletico, concluindo de aí que tal só demonstra a nossa má-vontade contra o clube. Repelimos esta afirmação. Era de resto, escusado. Por actos, já temos demonstrado precisamente o contrário: a nossa simpatia e admiração pelo clube, onde contamos tão bons amigos e camaradas. O que não quer dizer que não continuemos a achar de mau gosto a nova equipa...

A «outra» reacção partiu da «Baliza», estranhando termos dito que o Oriental precisava mais de lições técnicas do que treinos práticos. Queríamos assim afirmar que o *team* está preparado fisicamente, que alguns dos seus jogadores tem habilidade mas que não sabem, bastas vezes, o que fazer em campo. Em tal estado de uma equipa, aumentar as lições teóricas e insistir nos problemas de tática parece-nos aconselhável — T. S.

## CRITICAR E SELECIONAR

AGORA, que abandonamos voluntariamente o nosso cargo de seleccionador, de consciência tranquila e certos de ter dado tudo quanto tínhamos e podíamos à Selecção Nacional, regressamos integralmente ao nosso papel de crítico e comentador desportivo. Dele, fixe-se bem, não abdicamos! Levamos já uma boa dúzia de anos nesta função, informando, esclarecendo, procurando a verdade e a perfeição. Servindo os leitores, e ao mesmo tempo o futebol, com isenção, para procedermos de outra forma.

Vem isto a propósito de, já por várias vezes, nos terem dito que nós estávamos impossibilitados de aqui para o futuro de escrever, comentar e criticar, sobre a Selecção portuguesa. Ora, é preciso desde já que nos entendamos, na certeza de que, neste assunto, não daremos um passo atrás...

Por acaso, e como de outras vezes já tinha sucedido, o cargo de seleccionador foi confiado a uma pessoa que exercia crítica desportiva, ou, mais especificadamente, crítica de futebol. E o seleccionador nunca confundiu os dois trabalhos: se fez alguns sacrifícios foi no campo da crítica...

Pelo contrário, o seleccionador deixou que todos livremente discutissem e se pronunciassem sobre a selecção. Fugiu, mesmo, quasi sistematicamente, as raras excepções não contam, a servir-se da pena para armar discussão sobre o problema da equipa nacional.

Um problema tão importante deve estar bem no alto para todos o verem, e todos devem dizer de sua justiça. Dissémo-lo então; dizémo-lo agora. Não estamos arrependidos da orientação. Cada um disse tudo que lhe apeteceu, e vá lá, nem sempre com verdade, nem sempre com elegância. Em muitas ocasiões não estava em causa o Seleccionador ou o seu trabalho, mas sim o homem que fazia a selecção. Era o homem que se queria atingir, de qualquer maneira, e isto não é proceder bem intencionadamente.

E o homem, também jornalista, não respondia à maior parte dos ataques; esclarecia simplesmente alguns comentários de ordem técnica, e fugia de propósito ao barulho. De quando em vez chegava até nós o eco da propaganda feita nos cafés; — Ele encaixa tudo, nem responde, porque não tem nada a responder...

Sorriamos, simplesmente. A verdade é que nós entendíamos, como continuamos a entender, que, numa obra de tão grande importância e em exposição permanente, a crítica tinha o absoluto direito de se pronunciar livre e abertamente.

Continuamos a pensar da mesma forma, e esta coerência leva-nos mesmo à obrigação de, como crítico e comentador de coisas de futebol, não deixarmos de analisar o problema da equipa nacional, como e quando quisermos. Para que conste, e não venham depois os remoques. Ou, se vierem, que não se diga que não somos coerentes. O direito que reconhecemos aos outros queremos-lo também para nós. — T. da S.



# A inauguração do Estádio Alvalade

## consagrou a obra dos dirigentes sportinguistas

**A**vontade e a fé são duas grandes forças que, quando aliadas, conseguem vencer todas as dificuldades. Assim se compreende que, após tantos anos de anseio desiludido e de esforços vãos, a população associativa do Sporting Clube de Portugal veja realizadas, no curto espaço de alguns meses, as suas máximas ambições: instalação social e campo de jogos condignos das suas tradições e da sua expansão actual.

A festa que serviu, no passado domingo, para inauguração oficial do Estádio Alvalade, onde ficará perpetuada a memória do fundador do clube, a cujo empreendimento audacioso se deve a edificação do primeiro grande recinto desportivo português, refletiu bem no seu ecletismo dinâmico as normas de actividade que sempre regeram a acção do clube seu proprietário e consagrou com justiça a obra desenvolvida em curto espaço de tempo pelos dirigentes sportinguistas, sob a presidência prestigiosa do dr. Ribeiro Ferreira. O seu programa constituiu, ao mesmo tempo, uma proveitosa e inte-

ligente lição, que já não foi a primeira, mas que estava esquecida.

A união de várias modalidades no mesmo festival foi acolhida com manifesto agrado pelo público, que aplaudiu e se animou, animando simultaneamente com o incentivo dos seus aplausos os praticantes dos desportos escolhidos, que beneficiaram de excelente propagação.

As provas de atletismo, num rápido e despretencioso conjunto, agradaram. Depois de uns cem metros que foram desvirtuados pela partida, pois o juiz inexperiente deixou partir antes do tiro o futuro vencedor, José Paula, assistimos a excelente corrida de 500 metros, na qual Canhão e Artur Dias se bateram ferozmente, terminando o segundo com vantagem de um pelto; Dias gastou 1 m. 8,4 s., quinto tempo nacional, e confirmou a impressão deixada no encontro com a Bélgica, de estar no melhor da sua forma.

João Jacinto, que pareceu pouco confiante nos seus recursos do momento, veio terminar em terceiro lugar, em 1 m. 8,9 s., perto dos pri-

meiros e foi de todos o mais rápido na reta final.

Na corrida de 800 metros, o belemnense Branco, em 2 m. 6 s., venceu por um metro Adriano Gomes, a quem falta velocidade final e cuja contração na fase de aceleração terminal é impressionante. O vencedor, que conduziu a prova, à vontade, deve poder fazer bastante melhor. O principiante sportinguista Ramos, transitando dos percursos de velocidade prolongada, demonstrou aptidões embora lhe falte ainda, muito naturalmente, fundo para a distância.

As duas corridas ciclistas foram excelentes; em ambas compareceram corredores de classe e o seu comportamento fez esquecer por completo os ausentes.

Eduardo Lopes, de impressionante rapidez e fácil pedalagem, foi o herói da jornada; venceu a prova de eliminação e ganhou, partilhando-os com o seu companheiro de equipa João Lourenço, todos os «sprints» da corrida à americana em que participou.

O ciclismo de pista, espectacular e variado, tem assegurada a simpatia

do público desportivo e pode ajudar eficazmente o ressurgimento da modalidade, se as entidades organizadoras o mantiverem em actividade regular.

É para desejar que as três federações regendo os desportos incluídos neste festival de domingo, encontrem um plano de acordo comum para associação dos seus interesses na repetição frequente de organizações similares. Os espectadores não se queixariam e o desporto auferiria consideráveis benefícios.

Mercê do espírito realizador dos dirigentes leoninos, Lisboa dispõe de recinto onde se possam promover, sem embaraços, jornadas mistas de futebol — ou qualquer outro jogo de campo —, atletismo e ciclismo. O seu êxito, é facto assegurado: ficou provado durante a tarde do Sporting, como já o ficara há dois anos, com a série de serões de corridas pedestres e ciclistas organizadas no mesmo recinto.

Esperemos que a oportunidade não esqueça, ou não seja perdida por dificuldades geradas em interesses egoístas.

**I**ndo buscar um «team» a Espanha para inaugurar oficialmente o seu campo, o Sporting não podia escolher melhor. Pode ser que o Real Madrid ou o Barcelona estejam mais nos ouvidos dos portugueses do que o histórico grupo que domina toda a Viscaia. Todavia, trata-se talvez da equipa mais representativa do futebol espanhol, representante de uma região que dá jogadores para todas as Províncias e elevado número de elementos para a equipa nacional. Todo o vaso que se pressa, ou é «pelotari» ou jogador da bola...

Temos visto o Atlético de Bilbao várias vezes, em terras de Espanha, desde «finais» da Taça a outros recintos. E sempre nos deu a mesma sensação de futebol pouco organizado e ligado no ponto de vista de conjunto. E sempre o vimos, ou vencer, ou fazer bom resultado... É que os viscaínos jogam ao sabor da corrente, mas sabem utilizar muito bem os seus extremos e lançá-los no momento oportuno, em passagens longas e mudanças de direcção de jogo, que, quantas vezes, deixam o adversário pregado ao solo e irremediavelmente batido. Não sabendo mesmo como foi batido...

O Atlético que nos visitou conserva mais ou menos os seus traços característicos, ainda que se lhe note a tendência para a implantação do chamado e tão discutido «jogo de posição», que não é, aliás, nenhum elixir maravilhoso e de êxitos certos, mas um plano racional de conjunto, tendo em vista a colocação no terreno. No fundo, a preocupação dominante desde que se começou a praticar futebol...

A sua base de jogo reside no lançamento dos «pontas» pelo médio-centro, que joga atrazado, e no trabalho individual dos interiores, que se veem e desejam para aproveitarem

## O DESAFIO DEU A VOLTA

QUANDO O SPORTING ABRANDOU O RITMO CHEGOU A HORA DO A. BILBAO CAIR A FUNDO...

### 0-4 transformou-se em 4-4

convenientemente as qualidades de um possante avançado-centro.

Pela primeira vez notamos no conjunto viscaíno a preocupação de adoptar um plano defensivo, calculado. Vê-se que os espanhóis andam, neste capítulo, ainda um pouco às escuras e percorrem portanto o caminho às apalpadelas. Eles querem tomar conta dos avançados contrários, mas deixam muitos caminhos abertos... A verdade, simples, é que a adopção do referido «jogo» não é tão fácil como à primeira vista poderá parecer, exigindo um estudo muito pormenorizado daquilo que compete fazer, unidade por unidade, e nas suas relações de conjunto. Para se chegar a uma boa aplicação do plano, torna-se indispensável o estudo minucioso das jogadas, e, nestas, há sempre qualquer coisa que escapa, ou mesmo golpes novos e imprevistos!

Os espanhóis parecem querer adoptar o jogo, mas levam em relação a nós um atraso que custará a eliminar... Assim, tal qual as peças se dispuseram no Lumiar, vimos os espanhóis aflitos, em palpões de aranha, para inutilizarem o traçado dos portugueses ou para pararem o avanço das nossas unidades blindadas, visto uma das cinco encontrar-se sempre com os movimentos livres, e daí consequentemente fáceis perfurações...

Tenhamos também em vista que o

extremo Gainza fez muita falta, especialmente por se tratar de um quadro que emprega as asas para voar e ir à conquista do último reduto.

Com tudo isso, goste-se ou não se goste do futebol do A. Bilbao, não há dúvida de que o seu jogo é terrivelmente eficaz, devendo realçar-se a proeza de transformar 0-4 em 4-4, em terra estranha...

Quando os vasos sentiram que o Sporting adormecia um pouco, e dava mostras de cansaço, caíram a fundo, imprimindo rapidos nos seus lances. Vimos, então, futebol rápido, de destreza e habilidade.

O Sporting começou da melhor maneira. E não chega a admirar-nos o abrandar do ritmo verificado no segundo tempo, pois nos parece que os «leões», de princípio, praticaram um futebol invulgarmente rápido, e uma antecipação primorosa. Tais factores, além da aplicação do método — lição que o grupo já sabe de olhos fechados! — deram-lhe uma superioridade evidente. E para haver um «team» superior é preciso que haja outro inferior...

Os dianteiros viscaínos encontravam sempre o caminho inteiromente coberto e não conseguiam descobrir uma nesga para passar. Quere dizer, a defesa sportinguista funcionava com precisão.

Por outro lado, os atacantes verde-

-brancos bem apoiados pelos médios (Canário e Veríssimo), e com esse reforço, desenvolviam ataques perigosos, pois o dispositivo em campo dava-lhes vantagens: os que atacavam eram em maior número do que aqueles que defendiam... O favor da luta tinha que cair, necessariamente, para o lado português, e o Sporting marcou três bolas no 1.º tempo mas desperdiçou elevado número de oportunidades. Cabe aqui dizer que os espanhóis continuam a ser melhores rematadores do que os portugueses.

**SPORTING** — Azevedo, Juvenal, Manuel Marques, Canário, Barros, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

**ATLÉTICO DE BILBAU** — Lezama (depois Mollinuevo), Fernandez, Oeja (depois Berranachea), Celaya, Bertol, Nando, Iriondo, Painza, Zarra, Irtarragorri (depois Aldecoa) e Bilbao.

Árbitro — Carlos Canuto, coadjuvado por Oliveira Machado e Borges Leal.

Aos 10 minutos, Peyroteo marcou a primeira bola; aos 13 minutos

Tavares da Silva

(Continua na pág. 18)



# A VI Semana da VELA



O Tejo, quando se realizam provas de vela, veste-se de côr. Impressionante de beleza, alegre, garbado, o nosso Tejo mostra-nos um cenário de maravilha! Isto se aprecia, pelo menos, durante esta prova de «snipes» da 6.ª Semana da Vela



O «star» de Ernesto Mendonça chegou em 1.º lugar na sua categoria



António Vilardebó, triunfou em «sharpies» de 12 m.<sup>2</sup>



José Crespo, dirige o seu barco vencedor de corrida de «Sharpies» de 9 m.<sup>2</sup>



Vanderhagh n, um belga da melhor categoria, ganha em «fiveflies», tipo de barco inédito para as portugueses



Fotos JORGE GARCIA



Mais um testemunho irrefutável das belezas do nosso rio. Duas filas de barcos colocam pontos claro-escuros nas águas serenas do Tejo, e tanto praticantes como espectadores puderam extasiar-se por muito tempo!

**T**ERMINARAM, no domingo, com um grande festival náutico, as regatas da VI Semana da Vela, que este ano foi integrada nas Comemorações do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros e teve o concurso de velejadores portugueses do continente e de Angola, da Inglaterra, da França, da Bélgica e do Marrocos Francês.

À Associação Naval de Lisboa e à Associação Desportiva da Brigada Naval da "Legião Portuguesa" coube a realização do certame. Ao júri de honra presidiu o Sr. Marechal Carmona; ao júri efectivo o sr. Rodolfo Fragoso.

A VI Semana da Vela compreendeu séries de cinco regatas de cada uma das seguintes classes: «Stars», «Sharpies» de 12 m<sup>2</sup> e «Fireflies» — internacionais — «Sharpies» de 9 m<sup>2</sup> «Snipes», «Vougas» e «Andorinhas».

\* \* \*

À guisa de explicação, o programa impresso das provas referia que «o triângulo clássico entre Pedrouços, Dafundo, Caxias, Paço de Arcos, Cova do Vapor ou Trafaria, Belém, Pedrouços é o melhor do Tejo e foi nele que começaram as regatas em Portugal no ano de 1852». Deve ter sido esta última razão, que ditou a escolha do Tejo para a realização das regatas, pois as condições que o rio oferece, para esta espécie de barcos, não recomendam a sua utilização. Em Cascais, na maravilhosa baía, os lisboetas não beneficiariam do conhecimento que já têm do Tejo, com o qual estão em contacto directo, e poder-se-ia verificar a diferença de valor, entre todos os velejadores concorrentes, quer nacionais, quer estrangeiros.

O facto de terem sido efectuadas no Tejo as primeiras regatas em Portugal, não quer dizer que, 95 anos depois, elas devam voltar a disputar-se no mesmo local.

\* \* \*

Pela razão acima exposta, pelo facto de não comparecerem os velejadores espanhóis, italianos, suecos, suíços, holandeses e brasileiros que tinham sido convidados e, ainda, por diversos lacunas da organização — como seja a falta de barcos no momento oportuno — ao iniciarem-se as regatas, havia a impressão que a luta se travaria, apenas, entre as frotas de Lisboa e entre portugueses e belgas na classe «Fireflies», uma nova classe, aprovada para os próximos Jogos Olímpicos, a realizar-se em Inglaterra, e que apareceu pela primeira vez em Portugal.

Foi, mais ou menos, o que aconteceu.

Mesmo assim, as regatas da VI Semana da Vela ofereceram um espectáculo magnífico, emprestando ao Tejo uma beleza rara. As frotas de Lisboa travaram renhida luta entre si; os estrangeiros e as frotas do Porto, de Faro e de Luanda bateram-se rudemente contra as marés, correntes, ventos e calmarias...

O grande vencedor da VI Semana da Vela foi José Crespo, do Clube Naval de Cascais, que no «Ann Marie» a Sharpy de 9 m<sup>2</sup> somou as regatas por vitórias.

O duelo Carlos Lourenço, da «Mocidade Portuguesa», Pierre Vanderhaghem, belga, foi entusiasmático. O belga venceu pela escassa diferença de um ponto.

JOSÉ ESTEVÃO

(Continua na pág. 9)



# MARCEL HANSENNE

sete vezes campeão  
e "recordman" de França  
dos 800 metros

Artigo inédito de Pierre Lorme

Nos recentes Campeonatos de França de atletismo, disputados no Estádio Olímpico de Colombes, perto de Paris, Marcel Hansenne impondo-se, conquistou, batendo o seu camarada Chelldhotel, o seu sétimo título nos 800 metros, em 1 m. 50 s. 6/10. Aumentou assim com mais uma unidade uma série ininterrupta que data de 1939, ano em que conquistou o seu primeiro título. Foi também, duas vezes, campeão de França dos 1.500 metros. Enfim, no domingo 4 de Agosto, correu pela décima vez os 800 metros em menos de 1 m. 51 s. Acrescentemos ainda que depois de ter igualado o recorde de França de Sera Martin (1 m. 50 m. 6/10) em 1945 passou, em Junho último, a «recordman» de França com 1 m. 40 s. 8/10. Marcel Hansenne, pelas suas «performances» e pela duração da sua supremacia, é digno de figurar nos anais do desporto francês ao lado dos famosos «milhas» de outrora, Sera Martin e Jules Ladoümeque.

Marcel Hansenne tem trinta anos, mas nunca deixou de se treinar e de correr; por isso conserva sempre a flexibilidade e as facilidades de recuperação dos atletas jovens. É alto, magro, com um torax forte. Cabelos escuros, rosto trigueiro, magro e comprido, iluminando-se com um sorriso pleno de juventude e de malícia. É casado e pai de uma pequenita. Passou toda a sua mocidade no Norte, em Toureing. Foi jogando o basquete que, muito novo, começou a sua carreira desportiva. Quando da Libertação da França, Marcel Hansenne tornou-se jornalista desportivo. Escreveva no «L'Equipe», o grande diário desportivo francês, no «Bat-Clab», semanário igualmente desportivo, e no «Parisien Libéré», jornal de informação de Paris.

A sua carreira de jornalista não se anancia menos brilhante do que a sua carreira nas pistas. Tem um estilo muito pessoal, cheio de imaginação e natural. Por vezes é obrigado a comentar corridas em que ele próprio toma parte. Sai-se desta delicada tarefa com muita facilidade, dizendo muito simplesmente a verdade. O que em tais casos ele diz dos seus camaradas, mesmo quando crítico, é tão verdade, que nunca nenhum se sentiu ofendido.

## Bons campeonatos de França

Foi encontrá-lo no seu trabalho, na grande sala de redacção de «L'Equipe», Faubourg Montmartre, em pleno centro de Paris.

—O que penso dos Campeonatos de França? diz-me ele. Foram bons Campeonatos, cujo valor não é suficientemente indicado pelos resultados. A antiga pista de Colombes, de 500 metros, era muito melhor do que a pista de 400 metros que a substituiu para permitir aumentar o número de espectadores dos grandes encontros de futebol. Nama boa pista, eu penso, sinceramente, que todos os tempos registados seriam melhores.

«Fiquei admirado com o progresso do meu camarada Chelldhotel, que teve dificuldade em bater nos últimos metros dos 800 metros. No conjunto, os corredores franceses de meio-fundo e de fundo estão em progresso evidente. Somos seis a menos de 1 m. 56 s. nos 800 metros. Chelldhotel (1 m. 51 s.); Biny (1 m. 54 s. 3/10); Meyordome (1 m. 55 s. 4/10) prometem, assim como Vernier (3 m. 53 s.) e Wartelle (3 m. 53 s. 6/10) nos 1.500 metros. Que pena que Pujazon, magoado, não tivesse concluído os 5.000 metros! Em suma, os atletas franceses reencontraram a grande tradição. O meio-fundo é o seu domínio, no qual muito se aproximam dos suecos. Homens como Chelldhotel, Biny, Meyordome, por exemplo, têm o mesmo valor do que um Bengasson...

## Golpe de vista pelo atletismo europeu

—E o atletismo europeu, que tal? Estamos a um ano dos Jogos Olímpicos de Londres...

—Será preciso contar, sobretudo, com os escandinavos. Não falo dos americanos, por mal conhecer a nova geração. Os suecos, os finlandeses, estão em condições particularmente favoráveis. Devido ao seu clima, primeiro, mas, sobretudo, devido aos costumes dos seus países. Não abandonam as distrações e cada qual apaixona-se pelo atletismo. Nada há como isso para fazer desabrochar os campeões.

«A meu vêr, Strand é o mais forte de todos (Hansenne já mo tinha dito há perto de dois anos, quando Strand não era ainda mais do que uma «lébre» ao serviço dos campeões confirmados.



Marcel Hansenne, o campeão francês, não só corre com muita inteligência como escreve com muito acerto...

E tinha razão). E' nele que eu vejo mais probabilidades nos 1.500 metros dos Jogos. Nos 800 metros, o mais «dado de roer» será sem dúvida Soerensen. Nos 500 metros, há Sijkhuis, que é muito forte. Ainda não vi o novo fenómeno da Europa Central, Zatopek, que fez sensação...

«No «print» as «performances» do negro Baileys são extraordinárias. Ele deve ganhar. Mas, estará então na mesma forma? E' a interrogação que se levanta, aliás, para todos. Fazer prognósticos com um ano de antecipação, é sempre imprudente.

—Fala-se agora de si, da sua época.

—A minha época tinha começado bem com o recorde de França dos 800 metros. Mas, como o meu amigo sabe, as minhas obrigações profissionais levaram-me a acompanhar a «Volta a França» em bicicleta, o que é muito mau para a chamada forma. Ressenti-me disso. Recomecei o treino, e a forma voltou a pouco e pouco, felizmente, porque a época está carregada. Senão avalie: em Agosto foi o França-Checoslováquia, em Praga. Aceitando um convite, fui à Saécia onde disputei quatro corridas.

—Gostou de ir à Saécia?

—Imenso. E' o paraíso dos atletas. E depois fui recebido com tanta simpatia...

«De regresso a Paris, princípio de Setembro, tenho o encontro França-Inglaterra e a 14, em Helsinquia, o França-Finlandia. Enfim, a 18, em Bruxelas, é possível que defronte Reiff nos 2.000 metros.

—Bem. E depois?

—Depois? A preparação de inverno. Depois das minhas viagens à Saécia, verifiquei a eficácia do treino de Inverno; longas corridas através dos bosques, cortadas de «sprints» longos e curtos e de marcha. E' magnífico para o fôlego e para a resistência.

—E para os Jogos Olímpicos?

—Não falemos nisso por enquanto. Vou tentar não pensar neles até à próxima Primavera. Na minha opinião, não nos preparamos para os jogos durante dois ou três meses, ou mesmo seis meses. E' durante quatro anos, durante todo o tempo que dura a Olimpíada...

Decididamente, Hansenne não tem só a grande classe. Tem também, por ele, a prudência, a experiência, o bom senso... E' muito. —P. L.



# Comentários

## Deveres disciplinares

Se a consciência do próprio valor e qualidade necessária ao desportista, para agir como estimulante do brio, mal vai, porém, quando o exegero pretencioso a dá forma ao ponto de conduzir a atitudes de auto-apreciação reprováveis e a decisões de indisciplina e falta de respeito pelos mais elementares deveres desportivos.

Quando, por qualquer circunstância, o atleta se julgue vítima de injustiça, o único procedimento que lhe convém é demonstrar, obedecendo, a razão que julga assistir-lhe, pondo-a em foco por intermédio dos inofensíveis resultados que obtenha.

A opinião pública que, felizmente, nos casos em que se joga o prestígio nacional se não deixa cegar por favoritismo de qualquer género, recebeu com geral reprobção o procedimento, motivado por simples e intolerável despeito, do corredor Tomaz Paquete, que se negou a participar na estafeta de velocidade do encontro Portugal-Bélgica, comprometendo assim uma provável vitória das nossas cores, que teria reduzido de 23 para 18 pontos a margem da derrota portuguesa.

É este o primeiro caso que se verifica no País — graças a Deus! — atentatório do dever desportivo nacional imposto pela própria lei no artigo 64.º do decreto 32946, que diz: «Salvo caso de impossibilidade devidamente comprovado pela Direcção Geral dos Desportos, nenhum desportista poderá recusar-se a fazer parte das seleções oficialmente autorizadas e reconhecidas».

Não nos interessa, aqui, apreciar o aspecto disciplinar da questão, já devidamente solucionada pela Federação e pela Direcção Geral dos Desportos, mas apenas comentá-la nos seus fundamentos, julgados em doutrina pelas afirmações de algumas críticas.

Descreveu-se que Paquete tinha o legítimo direito de ser escolhido para correr os 100 metros, porque obtivera o melhor tempo da época, ou igual de Morais. É esta afirmação que é preciso rebater, como base doutrinária.

As seleções não podem fazer-se pelos resultados pretéritos, mas pela forma do momento. O Paquete fora creditado em 10.7 s. em 3 de Agosto; estamos em Setembro e, depois daquela data, o atleta não confirmou — nem em mérito absoluto, nem relativo — a proeza.

Encontrara Núncio nos nacionais e vencera-o por um sopro, vitória duvidosa para muitos espectadores bem colocados, tão equilibrada ela foi; posteriormente, em 24 de Agosto, na

pista do Lima, fôra bem batido pelo mesmo adversário. Justifica-se portanto a sugestão de uma prova de apuramento apresentada pelo membro do Conselho Técnico federalivo, sr. Alberto D'Agado.

O dever do atleta era, disciplinadamente, comparecer e vencer. Não o fez; perdeu todo o direito à razão.

Só admira que apareça quem lhe defenda o procedimento.

## Consequência imprevista

Dois anos decorreram desde que a Federação Sueca de Atletismo imolou no altar do amadorismo os seus melhores e fenomenais campeões, Gunder Haegg e Arne Anderson.

De então para cá, num esforço persistente e intenso, os dirigentes vigorosos têm procurado por todas as formas desenvolver o progresso de eventuais substitutos e alguns destes aproximam já — ou igualam — a classe excepcional dos prestigiosos irradiados; tal é o caso de Gustafsson, de Erikson e, sobretudo, de Lemart Strand, o discípulo de Gunder Haegg.

O atletismo, nos tempos em que se defrontavam as duas estrelas forçadamente apagadas, atraía aos estádios, compactas multidões; com frequência se afixava na bilheteira o agradável letrado de «locação esgotada».

As coisas agora mudaram de figura e, nas reuniões a que se não digna comparecer aquelas cuja popularidade se mede pelo respectivo valor, as tribunas ficam vastas e os organizadores desesperam. Lá como cá, a actividade dos campos é capri-hosa.

Desesperados pelos prejuízos materiais e morais que lhes adveem deste estado de espírito, os dirigentes resolveram então estimular o interesse dos espectadores apresentando-lhes um dos seus antigos ídolos e, assim, a pretexto de efeitos de propaganda, recorrem à colaboração de um dos atletas que escorraçaram, Arne Andersson, confiando-lhe a entrega dos prémios na própria pista.

Ao que parece, o simples anúncio desta circunstância basta para que o público acorra muito mais numeroso; Andersson é sempre o alicerce das mais calorosas ovações.

O seu antigo rival Gunder Haegg, que é chefe de vendas numa casa de artigos de desporto, renunciou definitivamente à corrida pedestre, mas preparou o seu sucessor, Lemart Strand, futuro possível campeão olímpico em Londres.

A mais extraordinária e imprevista consequência da desclassificação de Haegg é, porém, a que foi revelada pelo administrador de um jornal sueco:

«Haegg fez-nos bater todos os recordes de tiragem. Desde o seu desaparecimento da vida desportiva, vendemos 20.000 exemplares a menos!»

## Posição a definir

Com a abertura das actividades futebolísticas o interesse do público desportivo tomou de novo o recurso da sua preferência e os problemas ligados à prática da modalidade recrudesceram de importância nos comentários jornalísticos.

Continua o debate entre partidários do amadorismo e do profissionalismo e, em certas referências, apresenta-se o segundo regime como um facto consumado e reconhecido sem reboço.

Não procuramos intervir na polémica, aceitando aliás fundamentos convincentes a ambas as doutrinas em posição. É caso para dizer-se que toda a gente tem razão, e ninguém a possui em absoluto.

O que nos parece indispensável, ante o estado de coisas actualmente exposto com tanta clareza, é definir a situação; como se compreende que dirigentes com responsabilidades afirmem em público que os seus clubes mantêm secções profissionais de futebol, quando a lei estabelece taxativamente que todos os desportistas portugueses, sob pena de irradiação, são amadores?

Existe, desta forma, um antagonismo pouco prestigioso para a organização nacional. O assunto precisa de ser atentamente estudado e resolvido em conformidade com as conclusões obtidas.

Se o futebol pode subncionnar os praticantes e daí provém vantagens, aceite-se a inevitável verdade dos factos e dê-se legalidade ao que é impossível impedir e se este tolerando com tácito reconhecimento.

Se o profissionalismo desportivo não é uma situação social conveniente, e parece-nos que não, procure-se uma solução intermediária que lhe corrija os males, aceitando-lhe a necessidade. É sempre possível encontrar posições intermediárias que atenuem os rigores do extremismo.

Porque não estabelecer, por exemplo, a liberdade de retribuição de serviços aos jogadores de futebol, obrigando-os, porém, a apresentar ao serem inscritos como tal um certificado patronal demonstrativo do emprego da sua actividade em qualquer profissão, além do jogo da bola. Ficaria desta forma assegurada uma continuidade de trabalho para quando a perda de facultades os eliminasse das fileiras futebolísticas e não seriam, portanto, lançados na vida sem recursos para a enfrentar.

# Deixem patinar...

De um «ferro» o o entusiasta da patinagem artística, a propósito de um artigo do nosso colaborador Jorge Monteiro, recebemos a interessante carta que publicamos com o maior prazer:

Aplaudo convicta e efusivamente os conceitos ajuizados e os interessantes comentários do vosso artigo «Deixem patinar a moridade lusitana!» da bela revista «Stadium» em que V. com tanto brilho colabora e, de pleno, concordo com o seu longo e esclarecido texto que bem demonstra o entusiasmo e o interesse que vos merecem os nossos patinadores e patinadoras, empenhando-se por que sejam acarinhados e se desenvolvam mais e mais as suas vocações e facultades e por que sejam aproveitados, por quem de direito, para brio e honra do desporto nacional na modalidade. Oxalá que dentro em pouco todos nós possamos ver realizadas as nossas aspirações, tanto desses próprios praticantes, como até as dos eternos apaixonados de tão nobre desporto, e que patinam.

Assim, é muito consolador o apelo que V. faz no seu artigo aos que desportam, a par dos consagrados... desaparecidos, como também incensu sensível a todo e qualquer simpático amante que seja, poder identificar pelos muitos nomes que enuncia, e quantos actualmente o estão praticando, etc.

Porém, seja-me lícito pedir licença para observar a V. que, certamente por falta de lembrança ou por desconhecimento, talvez, nas referências feitas aos nossos patinadores há leves omissões, de nomes, como Ercília Gil, Virgínia, Rosa Duque, etc. e ainda o de um patinador que ultimamente surgiu, apresentando-se algumas vezes em vários «rinks» com elegância e apuro, demonstrando pelo cuidado e cautela com que actua, um ardoroso desejo de acertar e de poder vir a ser alguém. Esse belo rapaz chama-se Mário Sampaio, do Sport Lisboa e Benfica e o seu retrato vem publicado, no próprio número da mesma revista, ao lado de uma patinadora já consagrada.

Perdo-me V. estas referências a que, de facto, não deverá atribuir qualquer sentido que não seja o de render justiça a quem merece.

Tem muita razão o nosso correspondente. Sim. Imensa razão. Das omissões a que se refere — apenas uma foi apontada: a do nobel Mário Sampaio — porque se trata de um estreante com recursos mas tendo ainda poucos conhecimentos; e como não tivemos oportunidade de o ver em acção... De Virgínia (Gina Campos) já fomos. Ercília Gil já não pratica a patinagem — modalidade que trocou pela natação, com proveito próprio, pois é próxima praticante no Algés. Rosa Duque apareceu lá poucas vezes... Contudo, merecem-nos, todos eles, a mesma consideração. Por igual. Quer antigos quer modernos. Ocorre-nos até, já que voltamos ao assunto, mencionar aqui outros nomes esquecidos num artigo despretençioso e escrito quase de afogadilho: Xavier de Araújo, Ernesto Nascimento, Alberto Faria, Carlos de Oliveira, Germano Magalhães, Mimi Alcobia, Maria Adalide, José Lino — e tantos... Tantas e tantas! — quantos têm manifestado predilecção pela patinagem pura, excêntrica ou artística, de molde a reinvidicar para si as glórias de um passado recente.

A propósito: registre-se mais um próximo abandono — o de Quina Baptista; está para muito breve... — J. M.





Um ataque benfiquense, vivo e enérgico! O homem das redes defende-se bem!

# BENFICA 5-ESTORIL 2



Mota carregou e insistiu desageitadamente, caindo, e o guarda-redes pode fazer a defesa sem atritos...



...E assim marcou o Benfica o seu primeiro golo, de recarga, num pontapé de Francisco Ferreira, enquanto Espírito Santo estava lá à frente, na batalha, pois tinha havido antes um remate que o guarda-redes do Estoril defendera com dificuldade!

# ORIENTAL 1

## EM MARVILA

# ATLÉTICO 1

Ernesto, um valor que se vem afirmando, executa por alto uma defesa sobre a protecção de Castro



Foto: MANIQUE



Um jogador do Atlético intervem, com êxito

O guarda-redes do Atlético, numa defesa a sôco!





# O tenente António Seródio

## que triunfou pela quarta vez no Campeonato do Cavalo de Guerra

### fala à "Stadium"

**E**m Mafra, no Depósito de Remonta, há um oficial modestíssimo, despedido de vaidades e de preconceitos, que tem no entanto o seu nome intimamente ligado à história da cavalaria portuguesa, ao nosso desporto equestre—o tenente António Seródio, que acaba de ganhar pela quarta vez o Campeonato do Cavalo de Guerra, proeza digna de nota.

A difícil prova, por certo a mais difícil do panorama hípico nacional, é anualmente disputada pelos nossos melhores oficiais de cavalaria. Até 1944 havia apenas um vencedor, mas de então para cá a classificação desdobrou-se em duas séries, uma para cavalos nacionais e outra para estrangeiros, passando a haver dois vencedores.

De 1943 para cá o tenente Seródio, na série destinada a montadas estrangeiras, só o perdeu em 1944, mas arrancou com brilho um 2.º lugar, separado por poucos pontos do vencedor desse ano, o tenente Calado. Isto equivale a dizer que há três anos seguidos que o magnífico cavaleiro ganha o ambicionado Campeonato sem ostentações nem vaidades,

vencer—que todos desejam quando concorrem a qualquer prova.

—O Campeonato é uma prova difícil?

—Difícil e muito interessante, visto que não só reúne todas as modalidades do desporto hípico, como põe à prova a resistência física do cavalo, obrigando o cavaleiro a conhecer perfeitamente a sua montada e a desejar-lhe os esforços que a prova exige, para poder concluí-la com êxito.

—Que nos diz do seu cavalo, tão fiel? — atalhamos.

O tenente Seródio não oculta a sua opinião. Tem-na de facto absolutamente formada:

—O «Abstracto» é um argentino sólido, galopador por excelência, equilibrado, dextro e leal, qualidades estas que dão ao seu cavaleiro uma confiança ilimitada.

—Evidentemente, — sr. tenente — o Campeonato do Cavalo

de Guerra exige um treino aturado, não é assim?

—Necessariamente que para se poder exigir de um cavalo um esforço como o que lhe é pedido numa prova com as características desta, que considero a mais interessante do desporto hípico, é preciso manter o cavalo num trabalho regular e metódico.

E em seguida a uma nova pergunta que formuláramos a resposta surgiu rapidamente:

—Ao contrário do que poderá supor nunca elaborei um programa de trabalhos. O treino a dar depende da forma como o animal se vai apresentando, procurando reduzir-lhe os defeitos e aumentar-lhe as possibilidades. Sem programa mas com método.

A conversa muda um pouco de rumo. Fala-se de cavaleiros, fala-se de Henrique Calado que este ano venceu o Campeonato na outra série e ao inquirirmos qual



«Abstracto», excelente cavalo argentino

o adversário que mais temia o tenente Seródio diz-nos a sorrir:

— Todos os concorrentes são perigosos adversários, porque todos entram na prova com vontade firme de vencer!

Estava satisfeita a nossa curiosidade. O nosso entrevistado diz-nos em ar de despedida que se o «Abstracto» estiver em forma e as suas condições físicas lho permitirem, apesar dos seus 43 anos, lá estará para o ano a disputar o 7.º Campeonato com o seu fiel argentino.

Oxalá assim seja e oxalá se não interrompa a série dos seus triunfos. O campeonato está em boas mãos e os Jogos Olímpicos estão à porta.

Antas Teixeira

## BASQUETEBOL

# Várias Notícias

zes, acanhado, o recinto da Boavista prestou grandes serviços à modalidade, durante mais de uma dezena de anos. Agora, sem campo coberto, vai ser difícil encontrar forma de fazer disputar os jogos oficiais, à noite como nos anos anteriores.

É certo que temos a hipótese da utilização do «Palácio dos Desportos», mas, para isso, seria necessário conseguir uma redução, quase total, dos encargos, que, normalmente, oneram as organizações que ali são feitas.

De contrário, as receitas dos jogos seriam insuficientes.

Terminou, ante-ontem, o prazo para a entrega, na Federação, dos requerimentos de transferências. Só em Lisboa, mais de cem jogadores aproveitaram esta concessão para pedirem a sua mudança para novos ares...

Ao acaso, revelemos alguns desses pedidos: Carlos Fernandes, da C. U. F. para o Atlético; Rui Ferreira, do Carnide para o Sporting; Ernani Garcia, dos Belenenses para o Algués; Ernesto de Oliveira, da C. U. F. para o Atlético, onde já pratica futebol; Henrique Sebastião (Camilo), do F. C. do Porto para o Belenenses; Augusto Santos, do Lisgás para o Sporting e António Mendes, do Atlético para o Benfica...

Como se vê, a «pescar» foi feita... Resta saber, porém, quantos destes pedidos merecerão o ambicionado despacho de «deferido»...

Monteiro Poças



TENENTE A. SERODIO

vencedor, pela 4.ª vez, do Campeonato do Cavalo de Guerra

virtude própria dos grandes desportistas.

Do seu triunfo e das suas consequências ninguém melhor do que ele poderá falar. Só o tenente Seródio poderá revelar o segredo das suas vitórias e a maneira como se treina para as alcançar. Para isso o procurámos, na ansia absolutamente justificável, de esclarecer os feitos.

A pergunta inicial não poderia ser outra — concordemos:

—Satisfeito com o seu magnífico triunfo, não é verdade?

—Absolutamente, o que não admira, visto ser a finalidade —

A Federação tem novos dirigentes... Em pouco mais de um ano, é este o quarto elenco que toma conta dos negócios federativos. Mau sintoma, que pode conduzir a desagradáveis conclusões.

Mas, confiemos na boa vontade dos homens que se prestaram ao sacrifício e aguardemos a sua acção, para podermos formar um juízo certo.

Entre os nomes das pessoas, eleitas, figuram algumas que fizeram parte das anteriores gerências e que, portanto, sabem bem quais os escolhos da missão que vão desempenhar. Há, também, bastantes nomes novos, que apa-

recem, pela primeira vez, no basquetebol, embora já sejam conhecidos, de outras modalidades.

Deste conjunto, talvez nasça o equilíbrio que, segundo parece, ultimamente, tem faltado às direcções da Federação...

Antes de abandonarem os seus lugares, os antigos directores da Federação enviaram à imprensa um comunicado, no qual explicavam os motivos do seu abandono e acusavam as Associações da falta de interesse pelos trabalhos federativos.

Sobre o assunto, a Associação de Basquetebol de Lisboa publicou, agora, uma extensa nota, que nos enviou, mas que não transcrevemos, por absoluta impossibilidade de espaço. Nesse documento, a A. B. L. refuta as afirmações dos directores demissionários e prova que a Federação encontrou sempre na sua filiada uma colaboradora leal e desinteressada.

Com o desaparecimento do Campo do Lisgás, creou-se mais um problema para o basquetebol lisboeta. De facto, embora por ve-

## Condições de assinatura

### Pagamento adiantado

Custo por número . . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00



# Um corredor brilhante e uma equipa forte

## bons vencedores da grande prova

### José Martins e o Benfica desempenharam papel aparte — O Sporting valorizou a corrida — E o F. C. do Porto viveu da popularidade de Moreira

A «Volta a Portugal», confirmando valores, revelou valores. Evidenciada, desde os primeiros movimentos, a supremacia do Benfica — bem traduzida na classificação final dos concorrentes, — proporcionou a alguns ciclistas oportunidade de se afirmarem. Duas revelações nos deu a grande prova: Fernando Sá, do F. C. do Porto e Joaquim Apolo, do Louletano.

Os jovens corredores tiveram comportamento magnífico, devendo especializar-se a regularidade absoluta do portuense, cuja idade nos deixa adivinhar nele um futuro «ás» do nosso ciclismo. O algarvio fez o máximo que podia desejar-se de um rapaz que, praticamente, começou na «Volta» a sua carreira velocipedica.

Outros corredores novos tiveram bons momentos. Guilherme Jacinto deu a nota sensacional ganhando, contra a expectativa, a etapa do Porto; Santos Gonçalves dominou o Marão de maneira brilhante; Duarte Patrício, vítima da infelicidade, manteve-se bem, pois há que atender a que era ainda principiante no começo da época.

A «Volta» cumpriu, deste modo, o seu papel de reveladora de valores. E quisemos, propositalmente, pôr este aspecto em relevo para realçar, independentemente do seu êxito popular e desportivo, a utilidade e a oportunidade da fêliz iniciativa do Benfica.

O problema que, antes da Volta, se colocava era este: até que ponto influiria no rendimento dos benfiquistas a sua participação no Prémio «Marca»?

Os «encarnados» responderam, em tom forte, logo na etapa de Loulé e, em conjunto não mais deixaram de

afirmar a sua supremacia. A maneira como os benfiquistas atacaram na etapa da Povoia, quando a dureza da prova já era de sentir-se, define bem o valor da equipa do S. L. B. Equipa bem ligada onde a entre-ajuda — ou jogo de equipa foi notável — teve em José Martins um esplêndido «chefe». Duas vezes consecutivas vencedor da Volta, imitando Trindade — duas vezes também — Nicolau e Faisca, José Martins foi um corredor brilhante, adaptando-se a todos os andamentos, sempre bem colocado no pelotão, inteligente e cauteloso.

Vestindo a camisola amarela em Loulé, José Martins não mais a largou. Na tirada contra-relógio de Vila Real a Chaves deu a nota da sua superioridade.

João Rebelo era tido como favorito. Fraquejou nas descidas e chegou ao contra-relógio em condições de não perder, oferecer no seu companheiro que o prendia na classificação a luta que se esperava. O seu segundo lugar é, todavia, muito bom. E o tempo ainda não passou para ele...

Magníficos de regularidade, por vezes brilhantes, foram Império e Mourão.

E úteis, mostrando faculdades a aproveitar, Jacinto e Gonçalves.

Em conjunto: uma equipa sólida, forte, onde faltou um «sprinter» para ser inexcusável.

Foi exactamente com os seus «sprinters» que o Sporting, passado o período de desânimo, fez fogo. Não contando com a etapa do Estádio, em boa verdade fora das características da prova, Lourenço, Custódio dos Reis e Max André, três homens de boa ponta final, deram bons triunfos parciais aos «leões», valorizando a prova, principalmente na parte final.

O segundo lugar de equipas era, nas condições actuais, o melhor que o Sporting podia desejar. Alcançando-o com certo brilho, os «leões» cumpriram o seu dever.

Se Custódio foi o melhor da equipa, Manuel Rocha excelente, combativo, sempre na brecha, nunca renunciando ao combate, um bom representante dos «leões», digno de louvor e da atenção dos seus dirigentes...

Fernando Moreira, que no Norte goza de popularidade nunca atingida por outro ciclista, foi prejudicado pela sua recente estada na tropa. Sem a preparação necessária, «queimou-se» ingloriamente na etapa

de Loulé, recuperando depois. A caminho da Povoia baixou e aí se pôde observar que, relativamente a 1946, as suas possibilidades haviam diminuído. E, no entanto, Fernando Moreira foi um dos corredores brilhantes, terminando a Volta com o triunfo mais grato ao seu espírito — a vitória na etapa de Lisboa.

Dos seus companheiros, cujo auxílio se notou ser precário, salientou-se o já citado Sá. Dias Santos acabou mal, superado por Joaquim Costa. Onofre foi à corrida para «experimentar» e Aniceto Bruno para se documentar e seguir depois como orientador da equipa.

Merecem elogios pelo seu comportamento Baltazar Rocha, do Desportivo da Cova da Piedade, Pinto Ribeiro e Jorge Pereira, do mesmo clube; Rafael Correia, do Campo de Ourique, que foi precioso «ajudante» dos seus colegas de equipa; Djillali, com um período brilhante na caminhada para Tavira.

Outros, distinguiram-se apenas pela sua infelicidade — Tulio e José Ferreira — quer pelo seu espírito de sacrifício — Alexandre Mendes e Rocha 2.º

Dos que abandonaram só se esperava muito de Driss, abatido na «etapa do sofrimento» (Loulé). Manuel Palmeira seguia bem quando do desastre que o forçou a desistir. Eduardo Lopes e Aristides Martins, nomes considerados, não foram talvez até o limite das suas forças...

O ciclista que uma vez usou a cola «Dissolução de Borraça» — SDL — nunca mais quer outra!

## VI Semana da Vela

(Continuação da página 4)

De uma forma geral, quer os estrangeiros, quer os portugueses de Angola, dadas as condições de inferioridade em que correram, mostraram ter classe.

Os vencedores das regatas e respectivas séries foram os seguintes:

Classe «stars» — prova internacional — 1.ª, 2.ª, 3.ª regatas, Ernesto Mendonça e Carlos Carvalho, Portugal; 4.ª e 5.ª, Joaquim Fiuza e Gourinho, Portugal; vencedores da série: Ernesto Mendonça e Carlos Carvalho, 58 pontos.

«Sharpies» de 12<sup>m2</sup> — prova internacional — 1.ª e 2.ª regata, António Vilardebó e J. F. Mendes, Portugal; 3.ª Clemente Simão e Resina Rodrigues, Portugal; 4.ª Mr. Anderson, Inglaterra; 5.ª Fernando Belo e Francisco Quina, Portugal; vencedores da

série: António Vilardebó e J. F. Mendes, 61 pontos.

«Fireflies» — prova internacional — 1.ª e 4.ª reg., Pierre Vanderhaeghen, Bélgica; 3.ª e 5.ª Carlos Lourenço, Portugal; 2.ª Henrique Sallatty, Portugal, vencedor da da série: Pierre Vanderhaeghen, 21 pontos.

«Sharpies» de 9<sup>m2</sup> — José Crespo, do C. N. Cascais, foi o vencedor absoluto, triunfando em todas as regatas da série.

«Snipes» — 1.ª, 2.ª e 3.ª reg., Meleiro de Sousa e Joaquim Simão; 4.ª Luís Brites e Melo Machado; 5.ª, António Gama e António Rocha; vencedores da série: Luís Brites e Melo Machado, 166 pontos.

«Vougas» — 1.ª, 2.ª e 3.ª reg., José Resende e O. Rodrigues; 4.ª José Aquino e Alberto Gardett; 5.ª Rodolfo Ribeiro e José Ferreira; vencedores da série: José Resende e O. Rodrigues, 67 pontos.

«Andorinhas» — 1.ª reg. José Barreno e Iglésias; 2.ª, 3.ª e 4.ª, Guilherme Azevedo e Moreira; 5.ª

Burmester e Bévas; vencedores da série: Guilherme Azevedo e Moreira, do Porto, 26 pontos.

Ao festival náutico assistiram o Sr. Marechal Carmona, membros do Governo e os representantes diplomáticos da França e da Bélgica.

Nas provas disputadas, o júri registou os seguintes vencedores: «Fireflies» — Pierre Vanderhaeghen, Bélgica; «Sharpies» de 12<sup>m2</sup> — Fernando Belo e Francisco Quina, Portugal; «Stars» — António Herédia e João Capucho, Portugal; iates de grande cruzeiro — «Sunday», do sr. dr. José Gonçalves; «Sharpies» de 9<sup>m2</sup> — António Quina, da «M. P.»; «Snipes» — irmãos Belo, da «M. P.»; «Vougas» — José Resende e Octávio Rodrigues, C. N. L.; botes de espicha — 1.ª série, «Ciclone», do C. N. Barreirense; 2.ª «Gavião dos Mares», do mesmo clube; «12 pés internacionais» — Clube Nacional de Cascais; «Lusitos» — Jesus Tavares; barcos automóveis — Jorge Monte Real.

Manuel Mota

A cola «Dissolução de Borraça» — SDL — deve acompanhar todo o ciclista cuidadoso

Ano V — II Série — N.º 250  
Lisboa, 17 de Setembro de 1947

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRÁVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura





*Peyroteo recolhe um passe preciso de Vasques, esquia-se por entre os defesas riscainhos e remata de maneira imparável a quarta bola dos portugueses*



*A equipa de honra do Atlético de Bilbao*



*Um trecho da «Prova Eliminação» que antecedeu o encontro de futebol*

## *Inaugurouse o ESTÁDIO ALVALADE SPORTING, 4 - A. BILBAU, 4*



*O chefe do Estado presidiu à inauguração do campo, tendo ao seu lado os srs. ministro da marinha e dr. Palma Carlos presidente da Assembleia Geral do Sporting*

*Dissolução de BORRACHA*

**S D L**  
 A COLA PREFERIDA  
 PELOS CICLISTAS  
 da "Volta a PORTUGAL"

SANTOS DAVID, LDA. BOQUEIRÃO DO DURO 46 - LISBOA





*Um mergulho de Mollinuevo, o guarda-redes que substituiu Lezama. Fica-se com a impressão de que ele não chegou a tempo de parar a bola. A defesa ocorre, mas está batida*



*Travassos fez um dos seus habituais sprints, e aplicou o remate...*



*Um ataque impetuoso do Atlético de Bilbao. Azevedo está em acção, vindo-se à sua volta Manuel Marques, Barrosa e Verissimo. A bola não atina com as balizas, e sai para fora*



*Manuel Marques, na vigilância a Irlondo!*



*O médio-direito de Bilbao conseguiu interceptar uma jogada de combinação entre Travassos e Peyroteo, e vai desmarcar o contra-ataque*



# Da Bélgica à Espanha

## Ensinamentos colhidos Precalços a evitar

Poucos dias após o encontro com a equipa belga de atletismo, foi tornado público que a federação espanhola dera, finalmente, o seu acordo para a celebração do encontro ibérico da mesma modalidade nos dias 4 e 5 de Outubro próximo.

A temporada terá assim, se a notícia corresponder a uma realidade, fecho brilhantíssimo, mas também prolongar muito além dos limites habituais a actividade das competições, com responsabilidades que é necessário acautelar desde já e de maneira enérgica e decidida.

A organização do encontro com a Bélgica trouxe-nos ensinamentos que não devemos desperdiçar e focou, a par, deficiências graves que não podem repetir-se no futuro.

O Conselho Técnico federativo, encarregado da escolha dos nossos representantes não pode limitar a

tão pouco a sua acção; conhece-se de sobra o indiferentismo da grande maioria dos nossos atletas pelo treino e pela competição depois de passado o período dos campeonatos oficiais. Confiar livremente na sua persistência é correr o risco de desagradáveis desilusões, como aconteceu há oito dias com Nuno Morais e José Luís da Silva.

Os conhecimentos técnicos de alguns dos nossos campeões são rudimentares; privá-los de uma assistência metódica pode acarretar perigos e consequências prejudiciais. Como exemplo, sem intenção de culpar alguém porque de facto só o atleta pode ser culpado, citaremos que Afonso Marques abandonou a luta nos 10.000 metros apenas porque envergara um «slip» muito apertado e cuja fricção, durante a corrida, o feria nas coxas.

A forma dos praticantes deve ser acompanhada de perto, por-

que todos sabem como ela é caprichosa; ora, que nos conste, dos seleccionadores apenas Sérgio Malpique assistiu às diferentes jornadas, entre os Nacionais e o match, chamados de preparação.

A elaboração do programa precisa de ser bem acautelada, para se não repetirem erros como esse de incluir os 200 e os 400 metros na mesma jornada para satisfazer a uma conveniência do adversário, prejudicando a nossa. Lembremo-nos do que sucedeu há um ano em Barcelona e aproveitemos a lição.

A propósito deste encontro tão discutido, recordemos a severidade de certas críticas de então que acusaram os dirigentes de menosprezo pelas conveniências dos atletas, apenas porque de Portugal não seguiu com a equipa um magista, que houvesse o cuidado de substituir localmente pelo melhor especialista indicado. E confrontemos com o silên-

cio de agora, quando se verificou que a equipa portuguesa não teve no estádio nenhum massagista ao seu dispor, nem sequer havendo — como a lei determina — um médico de serviço, pois houve de recorrer ao apelo, à boa vontade de qualquer clínico espectador quando Filipe Luis se sentiu indisposto.

Eis outra situação que não deverá repetir-se.

O encontro com os espanhóis tem, para o nosso público, um sentido especial. A contenda é difícil para as nossas possibilidades, mas não pode considerar-se exagerado optimismo acreditar na hipótese de triunfo. Mas não nos entreguem ao doce correr dos factos; preparem-se, ao contrário, os acontecimentos.

Os atletas escolhidos, devem sê-lo desde já e convocados para treinos regulares em comum, apelando para o seu nunca desmentido brio e fomentando o estado de espírito correspondente à importância da missão que lhes vai ser confiada. Acreditamos sem restrições no seu entusiasmo geral.

Quando assim não for, quando algum não compreender o sacrifício que a si mesmo deve impor em bom portuguesismo, elimine-se sem hesitação; em 4 e 5 de Outubro não interessa apresentar na pista nomes consagrados, mas sim homens decididos, voluntários, no melhor da sua forma física e moral.

Salazar Correia

Os anos rodam, insensíveis, e as características da natação portuguesa mantêm-se, ou melhor agravam-se. A frase, à força de repetida, entrou já nos domínios do lugar comum: enquanto se progride no aspecto qualitativo, retrocede-se no aspecto quantitativo. Nada-se melhor, indiscutivelmente. Mas há menos gente a nadar. Luta-se, assim, por vezes, aflitivamente, com falta de matéria prima. Este quinto encontro Portugal-Espanha veio, de novo, trazer o problema à superfície — em toda a sua magnitude. O problema, aliás, não é de hoje. Data de há muitos anos. E tem a sua causa principal na falta de piscinas, não só em Lisboa, mas noutras cidades do país. Que belos elementos nos poderia fornecer o Porto — onde a natação tem tradições — se dispusesse de uma piscina. Coimbra seria uma verdadeira «fábrica» — se tivesse condições de trabalho. Aveiro não lhes ficaria, por certo, atrás, se lhe dessem um mínimo de possibilidades.

Não tenhamos ilusões! Só poderemos apresentar uma equipa digna desse nome quando a modalidade se encontrar difundida de norte a sul e não enfeudada num ou noutro reduto.

Alguns nadadores lusitanos, apesar de não terem alcançado posições de relevo, merecem no entanto que acrescentemos alguma coisa mais áquila que escrevemos

no último número. Para isso se torna necessário que fujamos um pouco da proeza dos resultados obtidos e que observemos com rigor as condições em que actuaram.

A frente, em lugar de honra, vêm os madeirenses José da Silva e Vasco de Abreu. Que mais se pode exigir aos simpáticos representantes da pérola do oceano?

A Madeira mandou dois nadadores ao continente e internacionalizou-os. Um deles, José da Silva, conquistou um título nacional e bateu por duas vezes o recorde dos 1.000 metros. Tênicamente têm, porém, muito que progredir. Cotejando, por exemplo, as provas de Manoel Martinez e José da Silva, nos 1.500 metros-livres, a diferença de processos esteve bem patente. Ao ritmo mecanizado do espanhol opôs-se o nadar «em força» do lusitano. Apesar de tudo, os funchalenses merecem uma saudação especial. Como a merecem também, Franco do Vale, porque é um «principlante» e porque foi, acima de

tudo, um admirável estilista, Mendes Silva, porque se apresentou em boa «forma» e obteve um lugar honroso. E Silva Marques — o inconcebível Silva Marques — porque não há adjectivos que definam a sua persistência inabalável de mais de vinte anos de competições gloriosas.

Portou-se com inegável ganhardia o nosso grupo de «water-polo». E aqui, também, a crítica não pode ver o assunto a frio. Antes tem que o situar no «clima» da modalidade de um e de outro país.

Em Espanha o interesse pelo «water-polo» é enorme. Abundam os jogadores e não faltam torneios. A maioria dos seus jogadores tem o «calo» das competições internacionais. Numa palavra: estão jogados.

E a essa equipa, afoita a jogos de responsabilidade, que poucos dias antes havia defrontado a Itália, opusemos nós uma equipa de

clube com o rótulo de selecção nacional.

Com a derrota pela diferença mínima, supomos terem ficado suficientemente demonstradas as inegáveis qualidades dos portugueses para uma modalidade bela e emotiva que tinha jus ao carinho e amparo de quem de direito.

Por último uma referência. Uma referência que envolve, também os «water-polistas». Trata-se da magnífica vitória por eles obtida na prova internacional (extra-programa) de 7 x 33 metros-livres, em que actuaram surpreendentemente, alcançando uma vitória verdadeiramente empolgante que constituiu o melhor momento da luta luso-espanhola, na segunda noite. Oscar, Bessone, Alves, Sacadura, Moitinho, Carrelhas e José Rosa excederam-se, de facto, a eles próprios!

Abreu Torres

## NATAÇÃO

# Ultimos apontamentos do V Portugal-Espanha



## Há resposta para tudo...

P. 540 — Sabe dizer-me quem substituirá Tavares da Silva no lugar de seleccionador nacional? (De um curioso, de Maíra).

R. 540 — Quem a Federação, de acordo com a Direcção Geral, entender. Descenda, que a escolha recairá em pessoa competente.

P. 541 — O jogador Joté Travassos não terá jogado ainda por falta de treino? (Um sporting de Lisboa).

R. 541 — A resposta foi dada pelo próprio Travassos, no passado domingo. Podemos garantir-lhe, no entanto, que o rapaz treinou desde o primeiro dia de preparação. Até se agarrou à bola demasiadamente nos treinos...

P. 542 — Anunciaram um tal argentino no Belenenses. Porque não jogou ainda? (Um azul do Sado).

R. 542 — É verdade. Mas não tenha pressa. O rapaz está a treinar, e na altura oportuna fará a sua apresentação.

P. 543 — Acha justo que o Benfica continue sem terreno para construir o seu Estádio. Sabe alguma coisa a esse respeito? (Um benfiquense de Benfica).

R. 543 — Podemos garantir-lhe que a Direcção do Benfica não descarta o assunto; e não nos admiraria que, num dia próximo, V. tenha uma resposta afirmativa e de carácter oficial. Ali, para os lados da Luz, o estádio do Benfica não estaria mal situado...

P. 544 — Uma pergunta que anda no ar é a seguinte: — Conseguirá Corona fazer o lugar de interior na equipa do Benfica? (Um adepto do Benfica que vive no Algarve).

R. 544 — A crítica parece inclinada a considerá-lo apto e capaz. Pelo nosso lado, entendemos que sim...

# No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

## CONTA-GOTAS

O Torino, team italiano que se deslocou a Espanha, vencendo a selecção catalã, pratica o sistema W.M. Isto tem particular importância, pois o futebol italiano é tido como relação ao sistema. Segundo se diz em Itália, o Torino pratica há dois anos o sistema e aperfeiçoou-se de tal forma que chegou a um estado insuperável.

Não obstante, acrescentaremos nós, nem sempre o Torino consegue levar a melhor. Que significa isto? — Mais uma vez que todos os sistemas são excelentes quando conduzem a bons resultados. Ainda que, para praticar bem qualquer sistema, é preciso muito trabalho. Nem se faz uma pequena ideia!

No próximo dia 21 o Belenenses apresentará, após o desafio contra o Oriental, a sua escola de futebol dirigida por Quaresma.

O Belenenses insiste no pensamento de formar em casa as unidades para os seus três teams. Poderá ser que não consiga o objectivo, mas esforça-se por isso — o que já é muito. O ensino de Quaresma vai reflectir-se certamente na habilidade dos Quaresmas miúdos. Essa ideia — viver com a prata da casa! — está tão arreigada no respeito belenense que se acha patente no Regulamento da Secção de Futebol do Belenenses, o diploma que claramente define os direitos e deveres dos jogadores de futebol. Devemos acrescentar que al-

guns artigos do referido Regulamento são admiráveis princípios!

Segundo um comunicado, a Federação Espanhola de Futebol desejaria saber «se a algum categorizado clube português interessaria jogar em 19 de Oulu-

bro, em Valência, um encontro amigável com uma selecção local».

Verdade seja, o futebol português nunca foi tão desejado em Espanha como agora. Talvez isto demonstre que se joga um pouquinho por cá. Pelo menos, em Espanha assim se pensa. O anúncio de um team português corresponde a casa cheia. Para alguma coisa havia de servir a vitória de Portugal sobre a Espanha!

## Mário Simas e o Futebol

Parece que Mário Simas escreva um artigo contra o futebol que impressiona muita gente! Simas empenho, Simas choroso, lamenta que os rapazes novos só pratiquem o futebol.

Porquê? — Ele nos diz com desembaraço: 1.º — Porque os repetidos pontapés na bola, no terreno e... às vezes nos outros, deformam consideravelmente as articulações do pé, especialmente a tibia-társica. (De si acidentes muito graves, entores, fracturas e todos os espécies de contra-tempos). 2.º — Porque Weissmuller (Tarzan) foi uma vez assistir a um desafio de futebol e fez o propósito de nunca pôr os pés nestes campos, porque viu tanto desastre que desanimou definitivamente.

3.º — Porque se trata de um desporto duro, violento e sobretudo de competição. (Neste caso, acrescenta o já famoso doutrinador, não está só o futebol, mas todos os desportos que podem ter o carácter de competição atlética, que visa apenas um falso e decantado amor clibista ou a vaidade estúpida do indivíduo).

De quando em vez, em certos sectores, erguem-se vozes contra o futebol. Já ninguém lhes liga nenhuma, por estar salientemente demonstrado que a prática do jogo encerra virtudes que pesam muito mais do que os seus defeitos ou inconvenientes. Mas desta vez — o caso é sério. Mário Simas, o empenho português, sócio do Estoril Praia que pratica futebol, com o peso do seu brilhante lugar na competição dos Campeonatos da Europa,

fulmina do alto da sua sapiência um desporto, que não é aquele que ele pratica, mas o futebol. E diz-nos, gravemente, muitas coisas que não sabemos...

Ora, vejamos. De a n modo geral — o Centro de Medicina pode comprová-lo! — o futebol dá saúde e vigor a quem o pratica. Tem, é certo, as chamadas lesões, próprias do jogo, como, de resto, todos os desportos possuem, inclusive a própria natação e «water-polo», mas a deformação da tibia-társica nada é em comparação com os benefícios de ordem moral, física e mesmo sociais que o futebol comporta.

...E chega a parecer impossível como um homem tão destemido como Weissmuller, sempre aos pulos lá pela floresta, a contos com leões e macacos de toda a natureza, tenha tido um tão grande medo dos brutalidades do futebol. Certamente tratava-se de futebol americano. Pela nossa parte, deploramos também tristemente o desânimo de Tarzan!

Quanto à durezza do futebol como competição, é que achamos exagerado. Nama corrida de natação, por exemplo, talvez seja mais desgoste de energias. Enfim, os médicos é que lá sabem isso. No fundo, tudo é competição, desde uma prova de natação a um desafio de futebol.

Estamos em desacordo com Mário Simas em todos os pontos, menos em um: no desprezo que ele vota ao falso e decantado amor clibista. Já o prava soberanamente. Que há coisas que só se podem levar a sorrir...

## CORRE QUE...

Em Setúbal germina igualmente a «ideia das fusões». O «Setubalense» lança a ideia, e aponta o exemplo de outras terras. Diz-se: Valorizar-se-ia o futebol local que bem pobrezinho se encontra neste momento.

Os espanhóis do Atlético de Bilbao exigiram ao Sporting que se responsabilizasse pelos danos sofridos em campo. E vai de si a Direcção dos «leões» seguiu cada um dos elementos espanhóis em cem contos. — Que devem exigir os clubes portugueses ao deslocarem-se a Espanha?

Parece estar definitivamente fixado que a Associação de Futebol de Aveiro tenha na Segunda Divisão do Campeonato Nacional dois representantes. Portanto, ficará de fora o Beira-Mar.

A Federação tem sido obrigada a esclarecer vários pontos considerados duvidosos do Regulamento de Provas. Principalmente no que respeita à constituição da Terceira Divisão.

Araújo não foi convidado oficialmente para se transferir para o Celta de Vigo. De resto, estes convites raras vezes têm o carácter oficial. Primeiro, os jogadores são «apalpados»... Só depois vem o convite formal. Feliciano insiste na transferência para Vigo.

Ribeiro dos Reis, solicitado não-oficialmente para o cargo de Seleccionador Nacional, teria declinado o convite com firme negativa.

A raiz do mal-estar entre o Benfica e o Oriental resulta da recusa deste último clube na cedência de um elemento. Um grão de areia separa, por vezes, as colectividades mais amigas.



# CONCURSO RÍZICO de CASCAIS

fotos BIVAR



Tenente Pimenta de Castro na «Copaleen-Rua» vencedor das provas «Inauguração» e «Monte-Estoril Hotel»

**G**RANDE Concurso o de Cascais! Grande na sua esmerada organização, a cargo da Sociedade de Propaganda daquela vila, e grande quanto ao numero das suas provas que chamaram durante nove dias muitissima gente ao hipódromo da Gandarinha, este ano mais atraente ainda do que nos anteriores.

Apesar dos cavaleiros espanhóis se terem furtado a disputa-lo alegando motivos que não convencem, se atendermos a que o convite foi feito muito a tempo e a que as datas estavam marcadas com enorme antecedencia, todos os nossos cavaleiros procuraram com o seu entusiasmo e com o seu valor suprir a falta dos concursistas estrangeiros que teriam, contudo, valorisado o certame com a sua presença.

Foi penal Os desportistas portugueses gostam de se encontrar com os espanhóis seja em que desporto fôr e sejam quais sejam os resultados que se obtenham.

Como dissemos os nossos concursistas tornaram brilhante o Concurso de Cascais, que alinha sem duvida entre as nossas melhores organizações desportivas, e tornaram as lutas muitissimo curiosas e cheias de interesse.

Dada a vastidão do programa é impossível fazer referências detalhadas às provas, limitando portanto o nosso trabalho a breves apontamentos.

Dois cavaleiros e dois cavalos estiveram em evidencia — Henrique Calado com o irlandês «Zuari» e Correia

Barrento com o argentino «Raso». Só o duelo entre os dois conjuntos para a posse dos primeiros postos da classificação deu ao Concurso um interesse muito especial e o público numeroso acompanhou-o quase que com emoção. A calma e serenidade do «Raso» respondeu o «Zuari» com o seu entusiasmo e a sua alegria. São dois magníficos saltadores!

Enquanto que o argentino se creditou em 1.º lugar na «Taça», e se classificou em todos os outros, o irlandês ganhou a «Omnium» e a «Prova Estoril», ficando 2.º na «Regularidade».

Outra figura dominante nos surge, a do Marquês do Funchal, que formando com o «Ebro» um conjunto de valor, ganhou a «Nacional» e o «Grande Prémio», arrancando ainda um grupo de classificações brilhante.

Depois vários se impuzeram: Travassos Lopes no «Abandonado» venceu com mérito a «Regularidade» alcançando justo prémio para o seu valor e para a sua persistencia; Pimenta de Castro no «Copaleen Rua», ganhou muito bem a «Inauguração» e a «Prova Monte-Estoril Hotel» colocando a sua montada em lugar prometedor; Craveiro Lopes triunfou na 1.ª série da «Omnium» montando «Xevera»; Oliveira Soares, no «Vulcão», foi o 1.º na «Secretariado Nacional de Informação», Henrique Calado, com «Vouga» venceu a prova «Ministro da Argentina» e Lemos da Siveira com «Guadiana» triunfou na «Marquês de Fayal». Reimão Nogueira com «Longo», que perdeu por pouco duas provas, lutando com evidente falta de sorte, confirmou o seu valor ganhando a «Taça Marechal Carmona» e a prova de «Ensino», esta com o cavalo «Lethes».

Daquelles que não ganharam justo é destacar pela forma como se apresentaram. Barrento com «Alcoa» sempre regularissimo; Calado com «Refused» e Carvalhosa com «Tete», que lutou com manifesta infelicidade. Citem-se ainda Guedes Campos, Miranda Dias, Joviano Ramos, Fernando Pais, Alves Pereira, Castro Pereira, Rhodes Sergio, Farrusco Junior, todos em boa forma. Quanto a cavalos faça-se uma referencia ainda a «Segur», «Gasa», «Douro», «Benguela», «Urbain», «Académico», «Basculho», «Sado», «Ambriz», e «Castanho». Os cinco ultimamente comprados não justificaram aquilo que seria razoável esperar deles — «Mondina», quanto a nós é a mais adiantada seguida de «Montijo» e de «Monforte».



Marquês do Funchal no «Ebro», vencedor do «Grande Prémio»



Capitão Travassos Lopes no «Abandonado» vencedor da prova de Regularidade



A prova de «Caça» foi ganha pelo Capitão Correia Barrento no «Raso»



Tenente Henrique Calado no «Zuari» vencedor das provas «Ministro da Argentina» e «Omnium»

Antas Teixeira





**Ginástica rítmica** — Grupos de raparigas das diversas Províncias formam figuras geométricas, e recebem prémios não só pela perfeição mas também pela graça com que executam os movimentos

*Na Finlândia voltam a celebrar-se as festas da juventude. São muito parecidas às Olimpíadas dos antigos Jogos — combinam o atletismo com a música vocal e instrumental, os bailados nacionais, o drama, os debates, tudo o que interessa à mocidade.*

são muito antigos — foram instituídos há sessenta e dois anos.

Diz-se que um estudante enérgico de Osterbotten anunciou que era capaz de cantar, saltar, correr e fazer trabalhos manuais melhor do que qualquer dos seus camaradas e que estava disposto a comprová-lo. O seu entusiasmo proprou-se, crearam-se associações nas Províncias e no ano seguinte levou-se a cabo um con-

# FESTA NORDICA

Por WILLIAM GRACE

mité Internacional eleje um país para as Olimpíadas. A Província em questão manda os convites, arrenda o estádio — posto que por vezes este seja unicamente um campo! — e prepara o programa.

No dia em que começa o concurso, os representantes das diversas Províncias desfiliam com as suas bandeiras, ao mesmo tempo que o côro da Província organizadora entoa uma canção de «boas-vindas». As outras Províncias respondem, agradecendo — também cantando — e começa em seguida o programa atlético.

O programa consiste em atletismo, ginástica rítmica executada com graça por raparigas vestidas com túnicas verdes, canto, declamação, canções em côro e drama, bailados tradicionais e concertos de música finlandesa executados

lento. Às vezes vêm de visita os jovens de outro povo para representar alguma das suas obras e discutir ideias novas.

## Os museus

Cada grupo tem um museu e trata de fazer com que os jovens tomem interesse pela história do seu país. Em alguns deles encontram-se coisas de valor, instrumentos da idade da pedra, em cutros figurinhas místicas esculpidas por camponeses, obras feitas à mão, estátuas de madeira ou casas em miniatura.

Nem todos se interessam pelas actividades intelectuais, de maneira que cada associação tem a sua secção de trabalhos manuais. Ali aprende-se a fazer de tudo, desde a construção de uma casa

**S** e bem que o tratado de paz não tenha sido ratificado e os canhões russos não se encontrem longe de Helsinki, os finlandeses voltam a organizar as Festas da Juventude, tal como o faziam antes da guerra.

Tanto nos campos férteis do Sul como nas cidades industriais de Oeste e no deserto ártico do Norte todos os jovens se meteram entusiasmadamente à obra. Afinam os instrumentos de casca de alamo (o instrumento nacional), reparam os teatros, poem em ordem os museus de arte e ofício e exercitam-se no discurso para os debates.

Arvo faz exercício para endurecer os músculos enquanto que Hella canta as canções tradicionais. Fazem-no com seriedade e entusiasmo. — Quem sabe se a honra da Província não dependerá da sua habilidade?

Estes concursos da Finlândia, como Finlândia independente, não

## BOXE

### BEN BUCKER

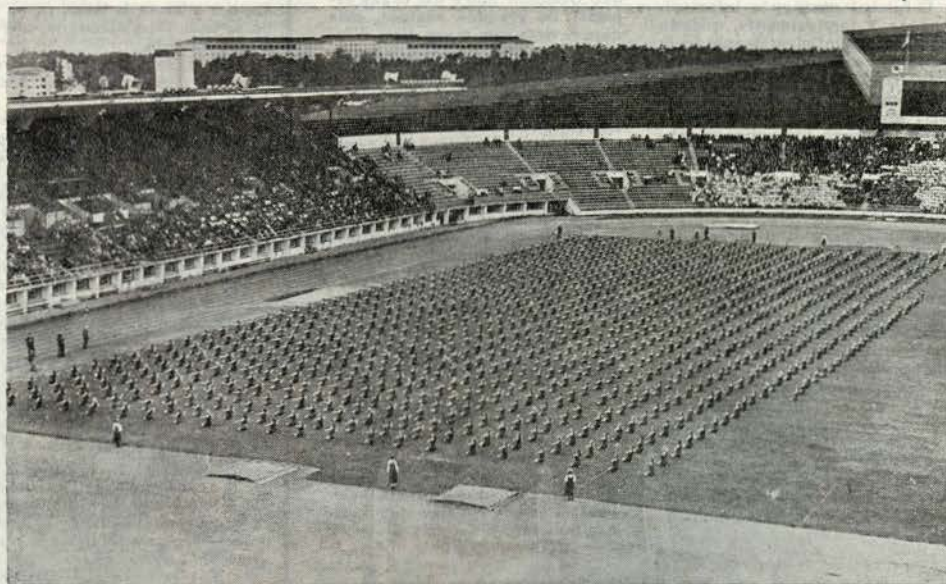
novo campeão de Espanha

Em Valência disputou-se, na última semana de Agosto, um combate para o campeonato entre Juanito Martín, detentor do título dos «semi-médios», e Ben Bucker, forte pugilista hispano-marroquino.

Após doze assaltos ardorosos, a superioridade de Bucker determinou que o árbitro lhe concedesse a vitória por pontos.

Martín atacou de início e obteve domínio mas o marroquino produziu um trabalho inteligente, invertendo os papéis até ao final do combate.

**Stadium**



**Um milhar de raparigas** — Vemos aqui um milhar de raparigas (podeis contá-las, se quiserdes!) fazendo o mesmo exercício. Treinaram-se nas festas locais e nas mais importantes da Província, para o grande dia. Este é o Estádio de Helsinki onde se efectuará a Olimpíada de 1952

curso entre os representantes das diferentes Províncias. Como todos os participantes eram jovens, a organização recebeu o nome de Associação da Juventude Finlandesa. Cada membro pagava uma parte das despesas, mas mais tarde o Governo concedeu-lhes um subsídio.

## O côro canta as «boas-vindas»

Todos os anos uma Província diferente é eleita como organizadora, da mesma forma que o Co-

com o instrumento de alamo, um instrumento parecido com a viola.

Esta reunião anual é a apoteose de um movimento que abarca milhares de grupos nas Províncias e mantém interessados os jovens durante todo o ano. Ali vêm aprender a história do seu país, as lendas, canções e bailes tradicionais.

Cada grupo tem o seu teatro — alguns são muito pequenos e rudimentares, mas permitem aos escritores da região ver as suas obras representadas e aos artistas locais demonstrar o seu ta-

atê ao fabrico dos objectos mais pequenos. Dão-se casos como este: os noivos fazerem pelas suas próprias mãos quase tudo quanto necessitam para a sua casa. Ela trabalha no tear, ao mesmo tempo que ele trabalha com a plaina e o serrote.

Durante a guerra estas organizações tinham cessado as suas actividades, mas agora voltaram a desenvolver-se. Há pouco tempo realizou-se uma reunião em Helsinki à qual assistiram 10.000 jovens de todos os recantos da Finlândia. — W. G.



## Mosaicos nortenhos...

Império Santos afirmou a um jornal português, a quem pediu, mesmo, a publicação das suas declarações: «Não sou do Porto, sou de Gondomar e do Benfica».

Nós já sabíamos disso. Mas visto que assim o quer, porém, dá-se a maior publicidade ao seu veemente desejo. Não custa nada; e o Império, de Gondomar e do Benfica, dormirá descansado.

O caso de Araújo, como o de Rogério ou de Feliciano, entra no âmbito das coisas dignas de ponderação. Dos clubes? Da própria Federação Portuguesa de Futebol. Vamos consentir que o Brasil, a Espanha, «todo o mundo» nos levem de Portugal as melhores «pedras»?

O futebol português inferiorizar-se-á terrivelmente, quando ainda não é suficientemente forte para dar aos outros o que precisa. Não é o caso de Araújo que nos interessa. O que importa saber, e desde já, é onde pode ir parar o nosso futebol se lhe extrairmos os valores que lhe pertencem!

Ou não será assim?

Tem agradado as exhibições de Gastão, no posto de médio-centro. Colocou-se de parte a ideia de fazer de Gastão um avançado? O F. C. do Porto possui nesta linha muitos jogadores. Não falando de Araújo, — dando de barato que vá para Vigo — tem os campeões do Norte: Angelo, uma excelente promessa, Lourenço, Ferreira, Vergilio, Boavida, Gomes da Costa (conta-se com ele...) Catolino e Diogenes. Nada menos de 8 jogadores. Sanfins e Correia Dias, claro está, também podem fazer uma perninha...

A propósito de Correia Dias: — Afirmando-nos que virá a ser profissional. Seria, nesse caso «profissional... à força!» Além do mais, era título para um romance.

Mas a coisa é simples. O correcto ovarene, amador, desagradava ao treinador (Szabo) e mesmo a vários colegas, devido a faltas nos treinos, etc. O clube desejava o seu concurso, mas de um modo que o possa «obrigar». Correia Dias gosta da bola, afinal, e diz-se por isso que está disposto ao «sacrifício»: ganhando...

Isto, no fundo, tem um certo sabor. A menos que o atlético avançado-centro faça como há tempos aconteceu, quando foi vítima de um acidente: — de o dinheiro aos pobres.

De qualquer maneira, é um «caso». E um «caso» pouco vulgar.

Não se pense que os clubes portugueses «fecharam» as suas portas a transferências. Dos principais agrupamentos do Porto saíram alguns jogadores de razoável categoria: Chico, para Visseu; Toninho e Zeca, para Santo Tirso; Bentes, para o Sporting; Romão (que regressou à terra); uns rapazes de Leixões, Gaia e Leça para clubes de Santarém, Braga e Coimbra...

Cada um «defende-se»...

Infante de Sagres é o nome de um clube onde se trabalha dedicadamente pelo quei em patins. Falta-lhe por certo, muita propaganda para ser bom — grande. Disso não tem culpa, visto que Stadium não é um órgão especial, de grandes páginas, mas uma revista com o seu tipo diferente. Mas não esqueçamos o simpático Infante de Sagres.

Nesta altura, por exemplo, é justo salientar a sua vitória no torneio que teve como figurantes o seu grupo de honra de quei em patins, o Académico, a Académica de Espinho e o Clube de Patin, de Barcelona.

O valoroso conjunto das Condominhas venceu todos os adversários, inclusivamente os espanhóis, e lá fiará uma «Taça» representativa do facto. Parabéns ao team de Manuel Soares.

Estreou-se o Boavista com uma vitória sobre o Sporting de Braga, na Póvoa de Varzim. O F. C. do Porto também foi ganhar a Lamego, ao Sporting local. A primeira vitória diz alguma coisa; e a segunda — não traz nenhuma indicação. Todavia, sempre são duas vitórias que a crítica noticiou.

Disputaram-se os campeonatos regionais de natação, na piscina de Espinho.

Não sabemos se o público deu por isso...

Os técnicos fartaram-se de anunciar que Fernando Moreira não tinha companheiros. Perdão! O F. C. do Porto andou muito tempo em segundo lugar, — superior ao Sporting. E Moreira de Sá, que este ano foi «epular», «iniciado», «principiante», «junior», «senior» e independente, manteve-se honrosamente em bom posto.

Nada disso, portanto. É preciso ver a «Volta» com certo sentido, livre de piqueiros de toda a ordem. Escrever por escrever, não tem piada alguma...

# DOIS CASOS

## Coisas do basquetebol

A época federativa começou mal para os clubes portugueses que praticam o basquetebol. O F. C. do Porto foi eliminado do campeonato máximo sem uma culpa séria, e o Vasco da Gama veio a sofrer uma punição bem aborrecida para os seus créditos.

Vendo serenamente os casos, acha o crítico que tudo correu mais mal do que bem, com prejuízo grave para a modalidade, no Porto extremamente imposta no espírito do público. No primeiro caso a «violência» federativa foi declarada, e nem a rebeldia do F. C. do Porto dispensa os comentários que então se fizeram. A uma entidade que dirige cumpre analisar e resolver todos os assuntos com serenidade. Sem se haver precipitado, teria a Federação resolvido por certo o incidente e dado ao basquetebol nacional uma prova de segura imparcialidade.

Mas não se fez assim. O Porto ficou desde logo confundido e contristado com tão dura prova e a paz nunca mais pôde chegar aos espíritos inquietos. Avolumaram-se depois certos atritos levantados à volta do jogo Benfica-Vasco da Gama. Não se resolveram protestos a tempo e horas. E, para encerrar a época da pouca sorte, surgiu o lamentável caso que teve o Palácio de Cristal, por cenário.

Foi o diabo. Nós já em devido tempo dissemos que não merecera o nosso acordo a atitude vascaína. Escreva-se o que se quiser sobre o assunto, façam-se quantas campanhas se imaginarem. Acreditem ou não acreditem, que pouco importa ao autor, temos pelo simpático campeão do basquetebol nortenho uma consideração sem limites. Pelo seu passado modesto, simples; pela sua esforçadíssima actuação nos campos do país, contra nacionais e estrangeiros; pela beleza do jogo que pratica; e pela vontade que o anima, vontade que não tem sido amparada, infelizmente. Mas... esteve mal inspirado naquela segunda noite contra os brasileiros.

Todavia, talvez fosse justo, em boa verdade, pesar um pouco as consequências duras do castigo. Ter em conta alguns dos casos que conduziram o Vasco da Gama para a rede dos incidentes verificados. Inquirir, se tanto fosse necessário, sobre questões desenvolvidas antes do mal-fadado encontro.

Aplicado o castigo, não deve o Vasco da Gama, entretanto, pensar em actos menos desportivos. Em desistir, como se diz. Um soldado não deserta, e se há injustiça no caso, o tempo se encarregará de repór tudo no seu verdadeiro lugar. É preciso saber esperar. É preciso, seja qual for a situação criada, manter o espírito independente e sereno, deixando de lado ideias de reagir por processos aventureiros e revestidos de perigo. Sem espalhafato.

Exemplos do passado ensinam-nos muito. Quando ao F. C. do Porto interditarão o «seu campo» (que por sinal era o do Lima...), fomos dos primeiros a aconselhar serenidade. Ao clube, aos sócios, aos seus admiradores. Trabalhásse o F. C. do Porto de maneira a confundir quem tivesse aplicado sanções injustas — dissemos. Disciplinadamente. E, se todos se recordam, assim ve o a suceder. Ganharia o F. C. do Porto alguma coisa com actos rebeldes?

Pense o Vasco da Gama no que lhe convém. A notícia vinda a público, a do seu abandono, representa com certeza qualquer «balão» que não corresponde ao pensamento e aos fins para que foi criado o clube campeão.

## A decepção da «Volta»...

O público que foi ao Lima ver chegar os corredores e transportar para os bolsos dos organizadores 115 contos — ficou desolado quando Guilherme Jacinto entrou na pista; e, muito mais ainda, quando Fernando Moreira se deixou bater por uns cinco adversários, dentro do próprio campo...

Nós sabemos avaliar a dimensão do desgosto. O que não sabemos, ou não queremos, é comentar uns escritos de ar «aliterado» que se dedicaram à gente que invadiu o Lima e as ruas do percurso. Adiante.

No Porto, no Norte, como se tem visto, o F. C. P. e os seus melhores ciclistas, neste caso Fernando Jorge Moreira, têm por si um público fidelíssimo. Sabendo-se, ainda por cima, que o campeão nacional de velocidade teria pernas para «segurar» qualquer adversário, não era de surpreender o ciúme dos assistentes. A maneira fria como receberam os ciclistas que não eram da terra, talvez tenha o seu fundamento nos próprios elogios vndos a público através da grande imprensa...

Ora, se os leitores se recordam, já aqui dissemos que Fernando Moreira não podia ser nesta «Volta» o mesmo Moreira do ano passado. Passou grande parte do tempo na tropa. Pouca ou nenhuma preparação teve. E isto, seja qual for a opinião alheia, não pode esquecer-se de nenhum modo.

O Campeão azul-branco a'nda nos deu um «ar da sua graça», mas à custa da sua habitual chama, da sua energia moça, do seu brio indomável. Mas ve o um desgaste natural — e cedeu. Viu na sua frente, com classificação superior, homens que o não igualam, como é do consenso geral, mas no desporto há muitas coisas destas.

Continuará a lutar. Moreira é muito novo. Cuidadosamente — poderá ganhar ainda muitas vezes a «Volta»!



MADRID, 15 — Este Madrid já não é aquele que conhecemos quando vivia «Joselito» e a governação andava entre a dignidade de D. António Maura — a quem «el Gallo» dizia consultar nos momentos graves — e a esportividade do Conde de Romanones, cacique de Guadalajara e amigo de Soler II. No tempo de «Bombita» e «Machaquito» frequentámos o «Café Inglês», na esquina da «calle» de Sevilha para a de Alcalá, onde está o Banco de Bilbao, e para um Banco foi o «del Norte» onde reuníamos depois com o falecido pai de «Ale» e um grupo de amigos de que fazia parte Eduardo Bermúdez, representante de «Manoleta» até à tarde de Linares. E também para um Banco foi a «Granja del Henar», onde depois da de Talavera procurávamos distrair-nos ouvindo D. Ramon del Valle-Inclan e os artistas seus frequentadores.

E foi para um Banco até o Teatro Apolo, onde os castiços iam deliciar-se com as «zarzuelas» do tempo de Moncayo e de Casimiro Ortas. É um caso para meditar este dos Bancos estarem a ocupar



Do que se passou neste mês de Setembro na Monumental de las Ventas, que substituiu a simpática Praça da «Carretera de Aragón», daremos notícias no próximo número de «Stadium». Que, depois da desgracia de «Manoleta» que ali toureará as suas últimas nos dias 18, 21 e 25, pouco poderá acontecer, e sobretudo permanecerá a recordação do grande toureiro cordovés

da manhã no «Leon de Oro», a praia dos que não atraíam a «calle» de Alcalá pelo «boulevard» de San Sebastian. Ali nos esperava, madrugador como se de Sevilha fosse para o campo, o senh r José Algabéño, indagando dos amigos de Portugal, dos seus e dos de seu filho. Morreu este inverno, como Emilio Bomba, como Curro Vasquez. Parece que morreram todos os do nosso tempo, e sentimo-nos sobreviventes neste Madrid que já não é aquele que conhecemos. Madrid é outro, a gente é outra, e nós sentimo-nos outro.

\*\*\*

Os bares, despachando ao balcão os fregueses apressados, os que hoje viajam em avião e tudo fazem a correr, substituem, pouco a pouco, aquelas «tertúlias» que ocupavam essas certas ruas «cafés», das 11 às 14, das 16 às 20 e das 22 até de madrugada, quando as portas podiam estar abertas pela noite fora. Agora quase nos põem fora os comerciantes práticos que substituíram aqueles românticos pro-

## ESTE MADRID JÁ NÃO É AQUELE DOS TEMPOS DE «Bombita», de «Gallito» e de «Manoleta»

os melhores locais de Madrid e províncias, um caso típico, simbólico dos tempos materialistas em que vivemos. Onde procuramos uma recordação, encontramos um Banco, desalojado o espírito pelo império do dinheiro, assim como deparamos com fantasmas onde evocamos pessoas. Assim se o Café «Fornos», hoje «Riego», ainda está no mesmo sítio, resistindo aos Bancos, já ali não encontramos aqueles que ali iam desde o «Inglés» da «esquina fronteira»: Manuel Retana, o gerente da velha Praça de Touros de Madrid, Joaquim Menchero «el alfombrista», chefe do «Gallismo» na capital de Espanha, e tantos outros que figuram na novela «Currito de la Cruz» que traduzimos.

E no teatro Alkazar, onde Célia Gomez ensaia para estreiar depois de amanhã, não mais veremos aquele Juan José Cadenas que antes animou o Reina Victoria com o «Príncipe Carnaval» da Terézita Saavedra que chegou a «El Príncipe se casa», o elegante Juan José da pobre Fornarina, do tempo de «La Goya» e daquela Adelita Lulu que Consuelo Hídalgo substituiu no coração de «Joselito».

Já não nos resta nem o recurso de há um ano, aproveitando a sombra

prietários de estabelecimentos que eram instituições benéficas para a boa conversa de touros e toureiros.

O negócio faz-se agora mais produtivo em série de caras diferentes, tão desconhecidas para nós que nem sabemos já com quem repartir de «res taurina». E por aqui estamos, sem sabermos bem ao que vamos, nem que vemos, porque já vimos tudo que havia que ver. O ano passado ainda os jornais de Madrid publicaram que vihámos ver «Manoleta». Para o vermos vinhámos também este ano, para as últimas corridas que devia tourear aqui, as de 18, 21 e 25 Afinal, a última foi a de Linares, terra triste de mineiros, tão triste como Talavera para o que não esquecemos a outra desgracia que há 27 anos nos lançou no vácuo.

Que a gente de hoje, sem se atrever a negar «Gallito», já diz que ele não tinha graça, como dirá de «Manoleta». Os mortos não podem ter graça, nem mesmo os velhos como «Chicuelo» e «Nino de la Palma». Hoje, para a gente nova de Madrid, só têm graça Luiz Miguel e Paquito Muñoz, porque estão

Rogério Pérez

(Continua na pág. 18)

A qualidade superior; a conservação do motor do seu carro que com o menor esforço lhe proporcionará a maior segurança; e a protecção eficaz do material e sua impecável conservação,

SÃO AS TRÊS GARANTIAS  
QUE FAZEM DA LUBRIFICAÇÃO

# Sonax

a lubrificação que se impõe!

## Sociedade Nacional de Petróleos

Gazolina  
Petróleo  
Gazoil  
Lubrificantes

Massas consistentes  
Vazelinhas  
Parafinas  
Asfaltos

Rua D. Pedro V, 80  
LISBOA

Rua de Santo António 45,  
PORTO

Rua da Sofia  
COIMBRA



# ROGÉRIO *quere regressar*

## a Portugal

Rogério, o magnico extremo do Benfica e da selecção portuguesa, um dos jogadores mais habilidosos do futebol português, abelou um dia para o Brasil, acompanhado de sua esposa, para ocupar o seu lugar nos fileiros do Botafogo.

As notícias da sua estreia, chegadas a Portugal, eram agradáveis. Além de tudo, o jogador português, de uma simpatia irradiante, conquistou imediatamente o meio carioca. E imediatamente, uma vez no Brasil, Rogério começou a treinar, regularmente, todos os dias.

Passaram-se, porém, algumas semanas, e a saúde começou a produzir os seus efeitos. Em resumo, Rogério quere regressar o mais depressa possível e voltar a alinhar no Benfica. Ele o diz, numa carta emocionada, ao seu companheiro de team e grande amigo, Francisco Ferreira.

— Apesar de ter uma proposta do Vasco da Gama, quero ir embora quanto antes. Estou cheio de saudades. E diz lá no Benfica que eu agora estou habituado a treinar todos os dias...

e voltar a alinhar  
no BENFICA



# Sporting-A. Bilbao

(Continuação da pág. 3)

Jesus Correia conseguiu o segundo gol; aos 30 minutos, coube a vez de Albano.

Depois do intervalo, os «leões» foram os primeiros a marcar, aos 10 minutos, graças a Peyroteo.

Dos 16 aos 29 minutos, os espanhóis conseguiram as suas quatro bolas, a 1.ª marcada por Iriondo, a 2.ª por Painzo, a 3.ª e a 4.ª Zarra.

Importa para se formar uma ideia tanto quanto possível completa do grande encontro, e na sistematização que adeptamos, fixar em algumas palavras o trabalho dos jogadores tal como o vimos.

E comecemos pelos visitantes. Lezama continua a ser o mesmo guardanetes, tão depressa brilhante como desorientado. Mollinuevo, sóbrio, mostrou-se mais seguro. Aquele que foi o brilhante Oceja, é hoje uma pálida sombra, sem reflexos e batendo mal a bola. O seu substituto fez, com Fernandez, uma parcela muito mais regular e segura.

Bertol foi o mais destacado dos médios, energia inextinguível e forte pontapé próprio para lançar os extremos. Celaya não se tornou notado, e Nando não está em forma, tendo até dificuldade em se mover no terreno, ele, que é um gato de agilidade. Iriondo e Painzo formaram a ala mais perigosa, um extremo rápido e um interior cerebral. Zarra jogou no seu estilo característico de avançado em cunha, mas não conseguiu cortar o espaço nem atropelar ninguém. Iraragori nem parece o grande jogador do passado (dá pena vê-lo em campo!), mas Aldecoa mostrou-se um jogador notável, porventura o

melhor dianteiro. Bilbao é um elemento de recurso e de bitola normal.

Tenha-se em conta que Urquiza nos asseverou que o «team» está pouco treinado, por haver começado as sessões há pouco tempo.

E falemos agora dos sportinguitas. Azevedo, a par de grandes defesas, foi batido num dos golos inexplicavelmente, ou, por outra, por se ter lançado tardiamente a uma bola de trajectória larga (uma bola que se vê de onde vem e para onde vai!).

Juvenal e Manuel Marques cumpriram magnificamente no bom período, e deixaram-se bater, um pouco desorientados, durante o mau trecho da partida. Canário foi o homem que melhor passou a bola. Veríssimo fez um excelente jogo, desembaraçado e dando a bola aos companheiros com acerto. Barrosa não deixou Zarra pôr pé em ramo verde até o período nevrálgico (na apreciação ao trabalho dos médios passamos por cima dos deslizes que o Sporting pagou muito caro!) Jesus Correia, de corrida formidável e remate de pedrada, e Vasques, o jogador concentrado, de passe de precisão, formaram uma ala perigosíssima. Peyroteo está nitidamente com falta de velocidade e sem ousadias, indicação de destreino. Travassos continua a ser o excelente jogador, de «sprints» e «driblings» estupendos, mas cujo egoísmo de bola prejudica sensivelmente o conjunto. Albano jogou rasoavelmente, mostrando o seu estilo rápido e habilidoso, de boa combinação com o interior.

Se atendermos à dificuldade da partida (na segunda parte, o vulcão começou a expelir fogo!), deve considerar-se excelente a arbitragem de Carlos Canuto.

T. S.

EM MADRID

# Não há ambiente

para as «cupleteras»...

«Usted sabe escuchar?»

(Continuação da pág. 17)

na brecha e são de aqui ao lado, de Luizmondo e de Tarracuellos del Jarama. E tudo isto nos enche de tristeza, e não conseguimos desviar da imaginação as colhidas mortais de «Gallito» e de «Manolete», como se as tivéssemos presenciado, como aquela outra a que infelizmente assistimos, a de «Granero». Se ao menos pudéssemos alegrar a vista com a alegria de Pepe Luis, já que a Pepin não poderemos ver porque tem de ser novamente operado.

E fóra, ou à margem de touros e toureiros, também não há recurso. Antigamente, quando os toureiros nos davam tardes luminosas, iam depois às «cupleteras» ouvir cantar e ver bailar, no «Triano» da «calle» de Alcalá ou no «Romea» da de Carretas, ambos já desaparecidos. Como quase desaparecidos se podem considerar os melhores de então: Raquel Meller, há um ano ainda arriatando o aome na companhia dos vienenses, Amália Molina, que chegou a andar em barracas de feira e foi ressuscitada numa homenagem, e Pastora Império, defendendo-se em lá «Capitana», ela que foi a capitana das bailarinas. «La Argentina» morreu em França no dia em que começou a guerra civil em Espanha, e tem «Mariemma» como única continuadora. E «La Argentinita» morreu na America do Norte, donde depois veio a irmã que sabe bailar, mas que é «payá», como dizem os ciganos para afastar concorrência aos espectáculos «folclóricos» e de que eles são base com os «cantes» e bailes «flamencos». Lola Flores e Manuel Caracol, ela de bom tipo e ele de bom estilo, a ausante «Gracia de Triana» e a sevilhana Juanita Reina, marcaram o apogeu destes espectáculos que satisfazem os que não podem pagar uma «juerga». Porque os «flamencos» só numa «juerga» dão a nota exacta e sentida, em local reservado, com vinho e «tapas» e ouvidos por quem saiba escutá-los.

«Usted sabe escuchar?» perguntam antes de se empregar a fundo, porque, não havendo quem saiba escutar, não vale a pena. Ora, no teatro, a maioria não sabe escutar e falta ambiente, intimidade, e falta o vinho, e as «tapas», falta tudo.

Com alguns toureiros antigos ainda estivemos em «Juergos», onde se cantava e bailava bem, em bom ambiente, com gente da que sabe «escuchar».

Agora, agora já não sabemos a



# ALEX JANY

Um extraordinário nadador! Campeão de França de natação, concorre aos Campeonatos de Europa, de Monaco, e vencedor brilhantíssimo, que, no recente encontro França-Checkoslováquia fez, nos 100 metros, 57 s. 3/10 e nos 400, 4 m. 52 s. e 2/10

# TREINADOR inglês

quere colocar-se em Portugal

Há um treinador e instrutor da educação física inglês, o sr. J. R. Sheffield, morador em 58, Stout Street, Lisbonne, New Zealand, que quer desempenhar as suas funções em Portugal.

Além de longa experiência, em Inglaterra e noutros países, o sr. Sheffield possui um profundo conhecimento da ciência de futebol e apreciável educação intelectual, segundo as referências das Federações Inglesa e Neozelandeza.

que viemos a Madrid, pois já não temos esperanças nas corridas destes dias, e de que daremos conta para a semana. Outrora vínhamos a Madrid sentados, agora só em cama, nos «Wagons-Lits», e já não suportamos os velhos hotéis, mas apenas o Palace. Assim mesmo, isto já não vale a viagem. Ainda se fosse a Sevilha! Se fosse para Joselito! — dizia aquele cura a quem pediam o pálio para receber Belmonte...

Rogério Perez

Stadium



## O campeonato da França

Depois da terceira jornada, a classificação dos clubes que intervêm no Campeonato da Divisão Nacional francesa é a seguinte:

1.º Reims (6 pontos); 2.º Lille (6 pontos); 3.º Metz (5 pontos); 4.º Strasburgo (4 pontos); 5.º St. Etienne (4 pontos); 6.º Marselha (4 pontos) e 7.º Roubaix (4 pontos). O último classificado é Rennes, com zero pontos.

## EM INGLATERRA

No momento em que redigimos estas notícias estará o grupo representativo do futebol inglês medindo forças com a equipa da Bélgica, em Bruxelas. Este *match* é o primeiro da temporada 47-48, e aguarda-se com curiosidade o seu desfecho, tanto mais que os ingleses tomaram como base a selecção cujo comportamento em frente dos portugueses mereceu fartos encômios.

Lawton, ainda magoado, deve ter cedido o lugar a Mortensen, do Blackpool, se não pôde restabelecer-se a tempo. Os seus restantes companheiros, segundo erromos, foram os seguintes:

Swift; Scott e Hardwick; Wright, Franklin e Lowe; Matthews, Carter, Mortensen, Mannion e Finney.

A quinta jornada dos Campeonatos da Liga constituiu mais outro dia sensacional do futebol como espectáculo popular.

Uma assistência superior a um milhão de pessoas instalou-se nos vários «campos» e aplaudiu os seus favoritos com grande entusiasmo.

Na 1.ª Divisão, o Arsenal continua evidenciando uma qualidade inegável. Oposte, em Highbury, ao perigoso Manchester United conquistou o triunfo por 2-1. Mantem-se à frente da classificação com 10 pontos (5 jogos, 5 vitórias e 17/5 tentos). A seguir está o Preston North End, difícil adversário, que o recebeu, agora, em «casa», sábado último. Preston derrotou o Charlton por 2-1, revelando o segundo mais uma vez, a fragilidade da sua defesa, que consentiu 18 golos em 5 jogos.

Wolves e Blackpool ocupam os 3.º e 4.º postos, com 7 pontos, mas o balanço de tentos do primeiro (22/8) é digno de reparo. Empataram ambos a duas bolas, mantendo-se em igualdade na classificação.

Grimsby Town, como o Charlton, sofreu quatro derrotas e levou 19 golos no total das partidas. Desta vez foi Sheffield United o vencedor (3-0).

O Derby County derrotou o Everton por 1-0, instalando-se em 5.º lugar da classificação. É curioso notar a impenetrabilidade da sua defesa, em contraste com o pequeno rendimento do ataque: Derby só admitiu 2 tentos em 5 desafios mas os deanteiros não conseguiram até agora mais do que quatro golos! A causa está na ausência do seu avançado-centro, incapacitado fisicamente.

O Manchester City derrotou o Sunderland, por 3-0, reforçando a sua reputação.

Na 2.ª Divisão, o Bradford con-

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## NOTA DA SEMANA

**E'** costume dizer-se que o Homem tem a idade das suas artérias, ou, por outras palavras, que nunca se é velho apenas pelo calendário mas, principalmente, segundo a boa ou má constituição de cada um e o uso dos órgãos principais.

Com efeito, assim parece ser, e dois acontecimentos desportivos ocorridos durante a última semana vêm ao encontro da tese anunciada — corroborando-a e validando-a.

O primeiro sucedeu na Bélgica. Vários indivíduos, com mais de quarenta estios, entraram em despique para saber qual era o mais «jovem» e meteram-se a correr uma prova de fundo. Entre todos, figurava um senhor bastante idoso, com 88 anos, que concluiu o percurso fresco como uma alface, enquanto tenha terminado em último lugar.

Verdade, verdade, aos oitenta e oito anos é bastante fora de tempo para se entrar em corridas atléticas e achamos preferível outras distrações. Não há dúvida, contudo, que o velhote resistiu à fadiga e provou uma capacidade notável de esforço, que outros mais novos lhe podem injejar.

O segundo acontecimento, produziu-se em Colombes, durante a disputa do torneio de atletismo entre a França e a Inglaterra. O inglês D. O. Finley, com cerca de 42 anos de idade, provou ter um coração e uns músculos juvenis, ganhando a prova de 110 metros (barreiras) em 14,7 s., tempo excelente que iguala o próprio recorde da França actual!

Finley é, além disso, coronel do Exército Britânico e passou pela última Grande Guerra na qualidade de combatente, sofrendo fadigas enormes.

Estes dois exemplos citados, bastante dissemelhantes no pormenor mas não na essência, vêm pôr em relevo uma verdade bastante debatida e não raro recusada: o desporto, bem conduzido e na companhia de uma vida regular, sem excessos nem abusos, é uma fonte de energias físicas. E o espírito de competição, longe de se tornar nocivo, testemunha capacidades desconhecidas daqueles cuja vida sedentária parece mais propícia à longevidade vigorosa.

R. B.

## ATLETISMO

### O encontro França-Inglaterra

Por 73 pontos a 56 os franceses derrotaram os ingleses, num *match* notável que se realizou no Estádio de Colombes, em Paris.

Se bem que o resultado tenha sido adverso aos britânicos, resta-lhes o consolo moral de haverem ganho oito das quinze provas do desafio, e mesmo nove, se contarmos com os 100 metros, na qual o vencedor saiu antes do

tinua invicto com 10 pontos, seguido pelo West Bromwich Albion, 9 pontos, e pelo Birmingham e Southampton com 7 pontos, ambos.

Na 3.ª Divisão (Sul) vai à frente o Queens Park R. com 10 pontos e sem derrotas, levando atrás de si Bournemouth e Walsall. Na mesma Divisão (Norte) a luta é mais equilibrada por quanto York tem 8 pontos, mas Rotherham, Wrexham, Carlisle e Barrow tem menos um ponto e vão a par.

tiro e chegou depois do inglês Wilkinson.

O ponto fraco dos insulares foi a pouca homogeneidade da sua equipa, em que faltaram sobretudo, os meio-fundistas. Eis os principais resultados:

100 metros: Bally (F.) e Wilkinson (G. B.) em 11 segundos; 200 metros: Wilkinson (G. B.) 21,3 s.; 400 metros: Sigonney (F.) em 48,3 s.; 800 metros: Hausenne (F.) em 1 m. 50,2 s.; 1.500 metros: Vernier (F.) em 3 m. 56,3 s.; 1.600 metros: Chivers (G. B.) em 14 m. 46,3 s.; 3.000 metros obstáculos, Gallet (F.) em 9 m. 26 s.; 1.6000 metros, estafetas (800, 200, 200 e 400): Inglaterra, em 3 m. 27,6 s.; 110 metros, barreiras: Finley (C. B.), em 14,7 s.; 400 metros, barreiras: Arifon (F.), em 52,1 s.

Saltos: em altura, Paterson (G. B.), 1 m. 96; comprimento, Adeyoin (G. B.) com 7 m. 35; vara e triplo, não se disputaram.

Lançamentos: do peso, Moody (G. B.) com 13 m. 84; do disco, Boeckel (F.) com 41 m. 93; do martelo, Mc D. Clark (G. B.) com 50 m. 22; do dardo, não se disputou.

Arifon bateu o recorde da França dos 400 metros barreiras.

## NATAÇÃO

### Os Campeonatos da Europa

Nas piscinas de Monte-Carlo, famosa estância de turismo mediterrânica, realizam-se os campeonatos da Europa de natação, com o concurso de 16 países.

O jovem campeão francês Alex Jany, que na sua eliminatória havia batido o recorde europeu dos 100 metros (livres) fazendo 56,2 s., triunfou na final, em 56,9 s.

O nadador português Mário Simas foi eliminado na 2.ª meia-final, classificando-se em 5.º lugar, com o tempo de 1 m. 2,8 s.

Em segunda posição ficou o sueco Olaf Olsen, no tempo de 58,8 s.

Na prova dos 100 metros (costas) para senhoras, triunfou a favorita, dinamarquesa Karen Harup, em 1 m. 15,9 s., vindo a seguir a inglesa, Katie Gibson, com 1 m. 16,5 s.

Mário Simas conquistou brilhantemente o primeiro lugar na 1.ª eliminatória dos 100 metros (costas) em 1 m. 9,8 s. O favorito continua a ser Geo Vallerey, francês, que bateu o recorde da Europa com 1 m. 9,9 s.

Todavia, o triunfador máximo já se pode designar: Alexandre Jany, o francês de imponente figura atlética. Bateu o recorde mundial dos 400 metros (livres), em 4 m. 35,2 s., arrancando este troféu a Bill Smith, americano, por mais de 3 segundos!

O inglês Ray Roman, especialista de bruxas, também se evidenciou. Na prova de 200 metros, melhorou o recorde europeu gastando 2 m. 40,2 s., isto é, menos cinco segundos que a marca anterior.

Ao fim do 2.º dia de provas, a França ocupava a dianteira na classificação por pontos.

No torneio de polo aquático re-ristaram-se os resultados seguintes:

Itália-Holanda (3-3); Bélgica-Inglaterra (7-1); França-Austria (6-1); Hungria-Sudéslováquia (3-3); Suécia-Hungria (5-3); Itália-Austria (5-0); Inglaterra-Sudéslováquia (4-1); Bélgica-Checoslováquia (3-1); França-Holanda (3-3).

### A Mancha vencida

O nadador peruiano Daniel Cárpio, que desde os primeiros dias de Agosto guardou ocasião para tentar a travessia do Canal da Mancha, lá conseguiu o seu intento.

Cárpio fez-se às ondas durante um tempo soberbo, partindo do Cabo Gris Nez (França) cerca das 10 horas e um quarto e pondo o pé em Dover (Inglaterra) pela 1 hora da madrugada do dia 5 do corrente.

Gastou no percurso 14 horas e 46 minutos, um magnífico «tempo».



# A GINCANA DE LISBOA

Realizou-se com êxito a Gincana Automobilista de Lisboa, no passado domingo, em Belém, iniciativa do Volante apadrinhada pelo Século. Concorreram muitos automobilistas e a Gincana decorreu com invulgar animação



## Futebol na SEGUNDA DIVISÃO

## Atletismo no BENFICA



O Operário e o Sacavenense jogaram um desafio movimentado. Venceu o Operário por 4-1. Nesta fase, o guarda-rede do antigo grupo de S. Vicente defende com segurança o remate de um avançado adversário. Trabalhou bastante e com segurança



O Benfica não pára na propaganda do atletismo. Promoveu mais umas provas entre simpatizantes, no seu campo, e aqui se vê uma passagem da corrida de 700 metros

## OS JOGOS DO PORTO

## ROMAGEM DE SAUDADE



No Porto efectuaram-se os três anunciados jogos da «Taça A. F. Porto», em campos neutros. No jogo Boavista-Académico (1), o guarda-rede academista suporta uma carga do adversário; uma atitude curiosa de Armando Jorge no encontro Salgueiros-Leixões (2); e um ataque dos «portistas» no jogo Porto-Leça (3)



O Belenenses lembra-se dos seus mortos. No Domingo foi em romagem à campa do seu falecido Presidente, tenente-coronel João Luis de Moura, e a cerimónia deu lugar a um agradecimento sentido por parte do filho do extinto desportista. Vêem-se também nesta foto, em religioso silêncio, os srs. comandantes António Maria Ribeiro, major Raúl Martinho, Acácio Rosa, José Luis, etc.

**ARCÁDIA** O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

APRESENTA:

**LAYLA et DI MARCO** ♦ **HERMANAS APARICIO**

**TRIO BOVES AGRAZ**

Mary-Mely — Atlantida — Lita-Anhel — Assumpcion de Albeniz — Mabel Valência — Inez Giménez — Rosita Arenas

Abertura às 22 h. — Encerramento às 3 1/2

Exibição de Vartodades às 24 1/2 h. e às 2 h.

**Stadium**